



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

NOVO JORNALISMO NO BRASIL: CASO DA REVISTA REALIDADE

Marina Osorio Navarro Lins

Rio de Janeiro
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

NOVO JORNALISMO NO BRASIL: CASO DA REVISTA REALIDADE

Marina Osorio Navarro Lins

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dr^a Cristiane Costa

Rio de Janeiro
2012

NOVO JORNALISMO NO BRASIL: CASO DA REVISTA REALIDADE

Marina Osorio Navarro Lins

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Aprovado por

Profa. Dr^a Cristiane Costa

Prof. Dr Paulo César Castro

Profa. Dr^a Isabel Travancas

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro
2012

LINS, Marina Osorio Navarro.

Novo Jornalismo no Brasil: caso da Revista Realidade. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2012.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2012.

Orientação: Professora Dra. Cristiane Costa

LINS, Marina Osorio Navarro. **Novo Jornalismo no Brasil: caso da Revista Realidade**. Orientador: Cristiane Costa. Rio de Janeiro, 2012. Monografia em Jornalismo – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a influência do Novo Jornalismo americano na revista *Realidade*, publicação que circulou no Brasil de 1966 a 1973. Surgido nos Estados Unidos, o Novo Jornalismo se contrapôs ao jornalismo objetivo, que tinha o lide como ferramenta principal. A intenção desses novos repórteres era apurar ao máximo: entrar na vida e até mesmo na cabeça de seus personagens. A linguagem e as ferramentas utilizadas eram literárias. No Brasil, o melhor exemplo de Novo Jornalismo foi o da revista *Realidade*, que utilizou esses princípios, mas também construiu um jornalismo singular. Este trabalho pretende analisar algumas reportagens da revista para ilustrar as marcas do Novo Jornalismo no seu texto e formato de apuração. Ao final, será questionado se essa estrutura de reportagem e texto sobrevive nas publicações de hoje no país ou se ficou para trás com o fim de *Realidade*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. BREVE HISTÓRIA DA REVISTA <i>REALIDADE</i>.....	3
3. NOVO JORNALISMO NO BRASIL: AS REPORTAGENS DA REVISTA <i>REALIDADE</i>.....	8
3.1 A receita.....	11
3.2 Infiltração.....	14
3.3 Texto.....	17
3.4 Conteúdo.....	19
4. ANÁLISE DE TRÊS REPORTAGENS.....	22
4.1 Coronel não morre.....	22
4.2 Eu sou João, homem sem leitura.....	25
4.3 Três histórias de desquite.....	28
5. POR ONDE ANDA O NOVO JORNALISMO.....	32
5.1 A resistência do jornalismo literário.....	33
5.2 Narrative Writing.....	36
6. CONCLUSÃO.....	39
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXO I.....	44
ANEXO II.....	45

1. INTRODUÇÃO

Alguns jornalistas americanos estavam inquietos nos anos 60. Cansados das regras rígidas do lide e do jornalismo objetivo, nomes como Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer começaram a praticar o que seria chamado de Novo Jornalismo. Não era um movimento unificado e não havia pretensão de dominar as páginas dos jornais. Eram apenas jovens jornalistas lutando por um texto mais literário e uma apuração mais aprofundada. A ideia era entrevistar exaustivamente, passando até meses com cada personagem da reportagem, vivendo o que ele vivia e pensando o que ele pensava. A segunda característica marcante do Novo Jornalismo era o texto. Pegando emprestados elementos dos grandes romances, a escrita era literária, abusando de descrições e de pontos de exclamação.

As novidades trazidas pelo Novo Jornalismo não ficaram restritas aos jornais americanos. No Brasil, a revista *Realidade* foi a que melhor utilizou esses recursos e fez história com eles. A revista foi publicada de 1966 a 1973 e, pelo menos em seus quatro primeiros anos de existência, abusou de reportagens de imersão, que levavam meses para serem concluídas. Nada que estivesse acontecendo no Brasil ficava de fora da pauta de *Realidade* – pelo menos até a ditadura endurecer, em 1968. Já os textos deixavam transparecer o estilo de cada jornalista, sem que o editor de texto tentasse padronizar e dar um tom bege aos fatos – como a maior parte das publicações brasileiras faz.

O objetivo deste trabalho é justamente analisar a influência do Novo Jornalismo nas páginas de *Realidade* e entender como seus princípios foram adaptados e “abrasileirados” pela revista. A publicação foi escolhida como estudo de caso porque, além de ter marcado uma geração, continua a ser a revista que chegou mais perto dos ideais do Novo Jornalismo no Brasil.

Realidade é tema recorrente entre teses e estudos por ter sido uma revista única no país – tanto nos quesitos texto, profundidade e conteúdo, quanto em dedicação e empenho de recursos – e por gerar uma séria nostalgia em quem viveu e em quem queria ter vivido no período em que foi publicada. A maior parte dos estudos sobre a revista, no entanto, trata de seu conteúdo inovador e desafiante. Sendo assim, este trabalho busca outro ângulo de *Realidade*: o do aspecto técnico – técnica de reportagem e técnica de texto.

Para realizar essa pesquisa, foi usado como base o livro *Realidade re-vista* (Realejo, 2010), que traz depoimentos de dois dos maiores jornalistas da revista – José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro – e reproduz mais de vinte reportagens completas, com comentários.

Para fazer uma análise mais completa de *Realidade*, este trabalho foi dividido em quatro partes. No segundo capítulo, será feito um breve histórico de *Realidade* para situar o leitor no tempo e mostrar o espaço e a importância de uma revista inovadora em plena ditadura militar. Será feita uma rápida análise do mercado de revistas da época, determinando o que levou a Editora Abril a investir na publicação e como foi montada a equipe. A história da revista, que é dividida em três períodos com características distintas, será descrita e, a partir dela, será possível identificar a proposta de *Realidade* em cada fase.

As explicações detalhadas do que foi o Novo Jornalismo nos Estados Unidos e de como ele foi trazido para o Brasil serão vistas no terceiro capítulo. Após esse apanhado histórico do Novo Jornalismo, serão vistas receitas que alguns especialistas estruturaram para quem quer se aventurar e fazer uma boa reportagem neste formato. A partir dessas dicas, o capítulo será dividido nos três pontos principais desse tipo de jornalismo literário: infiltração, texto e conteúdo. Cada tópico será analisado com base em diferentes reportagens da revista *Realidade*, com trechos reproduzidos para facilitar a compreensão.

Para aprofundar ainda mais o entendimento das técnicas de reportagem e texto de *Realidade*, serão analisadas, separadamente, três matérias no capítulo quatro: “Coronel não morre”, “Eu sou João, homem sem leitura” e “Três histórias de desquite”. Retiradas do livro *Realidade re-vista*, as três reportagens serão desconstruídas sob a ótica do Novo Jornalismo e terão trechos reproduzidos para ilustrar cada argumento. As matérias analisadas foram escolhidas por terem, cada uma, características marcantes e diferentes do Novo Jornalismo, possibilitando uma análise mais ampla do tema. As três também tratam de assuntos impactantes e, por vezes, polêmicos.

Por fim, a questão: o Novo Jornalismo ainda existe? Desse modo, serão analisadas novas publicações que têm propostas semelhantes à de *Realidade*, tanto do ponto de vista do aprofundamento, quanto do texto. O objetivo é entender melhor o mercado hoje e se reportagens como as de *Realidade* ainda são procuradas pelos leitores no Brasil. Além disso, será analisado, brevemente, o crescimento de um movimento norte-americano surgido nos anos 2000: o *narrative writing*. Os jornalistas que defendem o *narrative writing* buscam a retomada das reportagens no estilo do Novo Jornalismo, mas com algumas diferenças.

Desse modo, o objetivo deste trabalho não é analisar os princípios do Novo Jornalismo em si, mas em um caso específico no Brasil da década de 1960 – o da revista *Realidade*. E, posteriormente, entender como seu estilo de reportagem aprofundada e literária influencia publicações até hoje, questionando se o jornalismo literário ainda tem chances de sobreviver.

2. BREVE HISTÓRIA DA REVISTA *REALIDADE*

Em meados dos anos 60, a Editora Abril começou a investir em uma revista semanal, daquelas que vêm encartadas nos principais jornais do país. Tentou montar uma equipe, mas logo não houve acordo com os periódicos e a ideia passou a girar em torno de uma publicação mensal. Com um grupo de profissionais vindos dos mais diferentes veículos, foi formado um *dream team* e a revista começou a tomar forma em 1965. “É aí que começa a história de *Realidade*”, garante o jornalista José Carlos Marão que, junto com José Hamilton Ribeiro, escreveu o livro “Realidade Re-vista” (Realejo, 2010). Os dois faziam parte da equipe de repórteres que deu vida a *Realidade*. A obra reúne diversas reportagens da publicação e, segundo o próprio Marão, tem como objetivo “mostrar a influência da revista na mudança dos costumes no Brasil, a mudança na maneira de fazer jornalismo, como tratava cada tipo de assunto e o estilo individual de seus repórteres-autores” (MARÃO, 2010, p.18).

Não foi por acaso que a Editora Abril decidiu lançar uma revista como a *Realidade*. A empresa viu uma brecha de mercado: a nova classe média urbana estava insatisfeita com as publicações oferecidas na época, principalmente os jovens universitários. Segundo Edvaldo Pereira Lima, autor de “Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e literatura”, as revistas de informações gerais disponíveis eram *O Cruzeiro* e *Manchete*. O problema com *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand, era que a publicação perdia seu fôlego e parecia “não conseguir reciclar sua fórmula, que se esgota, depois de tanto sucesso” (LIMA *apud* FARO, 1999, p.72). Já a *Manchete* era “mais uma publicação com ênfase nos recursos ilustrativos do que no texto de profundidade, deixando insatisfeito o novo público” (LIMA *apud* FARO, 1999, p.72).

Para Vanderlei Dorneles, *Realidade* se situa justamente no período de transição entre as revistas ilustradas (ou fotomagazines) – publicações como *O Cruzeiro* e a *Manchete*, que privilegiavam o conteúdo fotográfico – e as de informação, como a *Veja*, lançada em 1968 – baseada no texto direto e na atualidade.

[*Realidade*] inaugura um formato de reportagem que não tem precedentes na imprensa brasileira e mantém um elevado apelo visual. Pelo critério da reportagem, mais textual que as fotomagazines, ela se liga ao futuro; pelo critério da imagem, ela guarda certa identidade com o modelo anterior (DORNELES *apud* TORRES, 2005, p.40).

Mesmo dando muito importância para seu conteúdo fotográfico, o que fez a revista *Realidade* entrar mesmo para a história foi a escolha de temas polêmicos e o formato inovador

de suas reportagens. A publicação explorou alguns tabus dos anos 60: sexo livre, mulheres desquitadas, mães solteiras, falou de política, da vida dos jovens, da desigualdade social e de muitos outros assuntos que veremos ao longo do trabalho. Quanto ao formato, seus textos se aproximaram do Novo Jornalismo – movimento que transformou a imprensa americana dos anos 60 –, que usava uma pitada de literatura em matérias e exigiam a infiltração do repórter na vida do personagem. Em sua tese de doutorado, Terezinha Fernandes lista as contribuições de *Realidade*: “o jornalismo de texto e as novas formas de representação verbal; a participação do repórter como um personagem atuante no fato, o que levou a textos mais profundos; a transformação do material em fonte de estudos para a história” (FERNANDES *apud* TORRES, 2005, p.41).

Já José Salvador Faro, em sua tese de doutorado “Revista Realidade 1966–1968: Tempo da reportagem na imprensa brasileira”, explica que a publicação foi “uma proposta marcada, a um só tempo, pela horizontalidade e pela verticalidade, no sentido de que situava o leitor no âmbito universal dos problemas de seu tempo, mas não o fazia de forma acanhada” (FARO, 1999, p.73).

A história da revista *Realidade* é dividida em três partes: de 1966 a 1968, a fase de maior liberdade e produção; de 1969 a 1972, com o aumento da censura da ditadura militar; e de 1973 a março de 1976, quando, já desgastada, a publicação finalmente fechou as portas.

Quando os primeiros números da revista eram publicados, ainda em 1966, os jornalistas entusiasmados corriam às bancas. “Por que o senhor comprou essa revista?”, “É boa essa revista? O que tem de bom aí?” (MARÃO, 2010, p.22), perguntavam aos leitores. Tinham tempo, ao contrário dos profissionais de hoje, e, desse modo, realizavam uma pesquisa de marketing muito mais eficiente: os leitores opinavam, faziam críticas e até davam dicas do que podia melhorar. A primeira edição alcançou 250 mil exemplares vendidos, número que quatro meses depois subiria para 450 mil.

Do final de 1965, quando ainda era preparada, até dezembro de 1968, a revista teve seu melhor período: “a primeira fase, a chamada fase áurea, é a que ficou para a história” (MARÃO, 2010, p.36). Com a ditadura militar ainda engatinhando, os repórteres tinham liberdade para tratar de temas polêmicos e abraçar a revolução sexual e cultural que se alastrava pelo mundo com as pílulas anticoncepcionais e a minissaia. Matérias com os nomes “Nossa juventude diante do sexo”, da edição de agosto de 1966, e “Três histórias de desquite”, de janeiro de 1967 são bons exemplos dessa irreverência de *Realidade*.

Os conceitos do Novo Jornalismo já estão entranhados nas reportagens de *Realidade* na primeira fase da revista. Na matéria “O tira”, de Narciso Kalili, publicada na edição de

junho de 1966, o repórter se infiltra no submundo do crime paulista ao seguir o investigador Moura, que tenta resolver um caso de assalto em domicílio. Como conclui Torres, o estilo do texto é literário:

As aspas, hoje utilizadas para dar voz às personagens, simplesmente não existem. Kalili utiliza o recurso do travessão a cada fala, como em um romance. As gírias, maneirismos e codinomes são mantidos, a fim de transmitir maior contato com o universo retratado.

– Quero o Piranha. Ele te procurou hoje?

– Já, mas faz tempo. Ele deve estar ligado por aí. [...]

– A mulher dele não é uma branca, da São João, do 83?

– Aquela é uma trouxa. O negócio dele é mesmo com a do Zoinho, que se vira na Gusmões.

– Onde é que ele fica?

– No bar do Pé de Chumbo (TORRES, 2005, p.42)

Em 13 de dezembro de 1968, o general Costa e Silva baixou o Ato Institucional nº5, o AI-5, dando poderes ilimitados aos governantes para punir arbitrariamente quem fosse considerado inimigo do regime. Desse modo, a censura aos meios de comunicação aumentou muito, principalmente a censura prévia. Foi a primeira morte da *Realidade*, como afirmou José Hamilton Ribeiro em entrevista ao jornal Unidade, do Sindicato de Jornalistas Profissionais de São Paulo, em 1976 (RIBEIRO *apud* FARO, 1999, p.102). Marão também explica o novo cenário: “As cautelas, nas matérias, eram muito maiores, embora nunca tivesse havido censura dentro de *Realidade*, como estava ocorrendo em outras redações. A cautela existia agora também nos contatos externos, com entrevistados ou personagens de matérias” (MARÃO, 2010, p.35).

Além dos problemas externos, brigas dentro da própria revista e de jornalistas com a Editora Abril fizeram com que quase toda a redação pedisse demissão, caracterizando a “segunda morte da revista” (RIBEIRO *apud* FARO, 1999, p.102). Ribeiro e Marão também saíram, passaram temporadas em outros veículos e retornaram para a *Realidade* em 1969, na segunda fase da publicação.

Na segunda fase da revista, que duraria até 1973, as reportagens no formato literário continuaram, mas perderam o tom de denúncia – com as devidas exceções: em junho de 1969, a reportagem de capa era sobre contestações políticas e religiosas em vários lugares do mundo.

O AI-5, mais que por ação direta, assustou a Editora Abril. *Realidade* era então uma forte 'instituição política' (ainda que pareça incrível) e se abateu sobre ela o peso das discriminações. Muitos itens da pauta de *Realidade*, e que eram o seu cardápio preferido (estudantes, padres, juventude, operários, sexo, D.Helder e os bispos progressistas), foram proibidos. (RIBEIRO *apud* FARO, 1999, p.102)

Milton Coelho da Graça, um dos jornalistas de *Realidade*, conta que, em sua segunda fase, a revista tentou fazer algumas mudanças para escapar da censura e para concorrer com a *Veja*. “Vieram, por isso, tentativas de lhe dar outras propostas editoriais. Primeiro, a de torná-la mais sofisticada e voltada para o consumo. Depois, a da revista-documento, com edições sobre Amazônia, Mar das 200 Milhas, e Cidades. Mas eram edições muito caras (...)” (GRAÇA *apud* CHICO, 2011, p.12).

Para Torres, nessa fase, “as mudanças trazidas pelo modelo *newsmagazine* vão se infiltrar em *Realidade* – este é um período de transição no mercado editorial e dentro da própria revista, que procura se ajustar ao sistema e às novas tendências” (TORRES, 2005, p.42). Para exemplificar a afirmação, Torres analisou a reportagem “Os Mutantes são demais”, de Dirceu Soares, publicada em junho de 1969. A matéria não possui mais uma qualidade de vivência, o autor depende mais das entrevistas do que de sua própria observação (TORRES, 2005, p.43). Apesar disso, os recursos literários continuam presentes, como na abertura da matéria:

[...] Assim que eles chegaram, o produtor levou as mãos à cabeça em desespero: um dos integrantes do conjunto, Arnaldo, estava com o braço engessado.

[...] De repente, Arnaldo começou a rir. Calmamente, retirou o gesso colado com esparadrapo e exibiu o braço sem um arranhão. (SOARES *apud* TORRES, 2005, p.43)

A conclusão de Torres, porém, não se aplica a todas as matérias dessa época. Na edição de abril de 1970, a reportagem “Uma aventura, a professorinha” fez José Carlos Marão realizar uma longa viagem de barco, sem segurança, para descobrir o duro cotidiano de professores que se aventuram todos os dias pelas águas do litoral sul de São Paulo para darem aulas a filhos de pescadores, em locais totalmente isolados. Pelo que a matéria deixa transparecer, o jornalista ficou na casa de um dos personagens (Seu Augusto, em Guaxixi), dormiu no chão, comeu do arroz, feijão e peixe frito da casa, e acompanhou as aulas. E o local não tinha nem fossa (MARÃO, 2010, p.349-358).

A terceira e última fase marcou o fim de *Realidade*. A publicação adotou uma fórmula parecida com a da revista *Seleções* do Readers Digest, com manchetes do tipo “saiba como fazer”, “vença” e “transforme” (MARÃO, 2010, p.35). Torres explica que essas mudanças estão ligadas ao contexto que o Brasil vivia na época:

A Copa de 70 desencadeou a venda de televisores em massa; em 1974, o modelo *newsmagazine* inaugurado por *Veja* começa a funcionar; em julho de 1975, dá-se a falência total de *O Cruzeiro*, ícone das revistas ilustradas. *Realidade*, um veículo que mescla

características da TV, das *newsmagazines* e das *fotomagazines* e que já passava por um processo de decadência, perde agora completamente sua identidade e mostra-se sem fôlego para renovação. (TORRES, 2005, p.45)

A edição de junho de 1975 é composta por matérias como “A guerra pode vir do Pólo Sul”, sobre pesquisas meteorológicas na Antártida; “Fazer um jardim? Muito simples. E divertido”, um relatório de jardinagem; “O que a auto-sugestão pode fazer por você”, exemplo de perfil de sobrevivência; e “Os estudantes retomam a palavra”, sobre manifestações de universitários (TORRES, 2005, p.45).

O modelo *newsmagazine* mostrou-se vencedor (...).

[*Realidade*] Aposta, então, na reportagem informativa. A captação de dados valoriza fontes bibliográficas e de agências de notícias, o estilo é prioritariamente informativo – apesar de ainda manter algumas peculiaridades do relato em movimento – e as imagens adquirem maior teor ilustrativo. A intimidade com o leitor fica por conta dos verbos no imperativo, que ensinam a fazer algo. Ao final de sua história, *Realidade* guarda poucas semelhanças com sua proposta inicial. (TORRES, 2005, p.46 e 47)

Em março de 1976, *Realidade*, já bastante desgastada e sem sua personalidade inicial, fechou de vez as suas portas.

3. NOVO JORNALISMO NO BRASIL: AS REPORTAGENS DA REVISTA *REALIDADE*

Em agosto de 1966, a quinta edição de *Realidade* trouxe a reportagem “Pobre menina miss”, de José Carlos Marão, que seguiu as aspirantes a Miss Brasil ao longo da semana de preparação para o concurso (MARÃO, 2010, p.177-188). Para realizá-la, Marão se hospedou no hotel onde as misses se concentravam e, sem revelar que era jornalista, ocupou uma posição privilegiada para observar os bastidores da festa. “Como hóspede comum, circulando como quem vai entrar, sair ou almoçar, foi mais fácil. Foi possível ouvir as conversas nervosas das candidatas e acompanhar a quase histeria das mães, cada uma mais empenhada que a outra em fazer da filha a Miss Brasil” (MARÃO, 2010, p.179). Além da infiltração do repórter, o trecho abaixo mostra o formato do texto da revista.

Mas o Bigodinho-Jaquetão também teve a sua oportunidade de mostrar autoridade às misses internacionais. Na sexta-feira do ensaio, Miss Argentina e Miss Bahia, por força de cumprirem à risca o “muito humano” programa criado pelos organizadores, chegaram para jantar alguns minutos depois das outras.

O Bigodinho, muito bravo, começou a correr pelo restaurante do hotel, chamando garçons e mandando as duas comerem depressa. Miss Argentina, coitada, acreditou no homem e nem comeu direito. Foi logo para o ônibus que levaria as misses para o ensaio. Mas Miss Bahia, um pouco mais esperta, tratou de comer o suficiente pelo menos para ter forças para ensaiar. Quando terminou, o Bigodinho quis fazê-la levantar-se, mas não adiantou. A coisa já tinha virado briga e ela decidiu comer sobremesa. E o Bigodinho resolveu então gritar com o garçom, que pagou o pato:

- Oh, seu moleza, quer trazer logo uma torta! (MARÃO, 2010, p.183)

O texto acima poderia facilmente estar em um livro de ficção. Mas é uma reportagem – e das melhores. E aí esbarramos novamente com o Novo Jornalismo, que pregava sempre uma linguagem mais literária e – por que não? – mais divertida para levar o leitor ao longo de mais de dez páginas de uma história vista de perto.

Mas o que é afinal esse Novo Jornalismo? O *New Journalism* surgiu meio que sem querer na década de 60, nos Estados Unidos. Cansados do mito da objetividade e do jornalismo superficial, nomes como Gay Talese, Tom Wolfe, Truman Capote e Norman Mailer começaram a fazer reportagens aprofundadas e contadas de forma literária – sem as amarras do lead (o primeiro parágrafo burocrático que precisa responder aquelas seis questões de sempre: “O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?” e “Por quê?”). Não havia um

movimento único e não havia um manual de redação. Cada um dos novos jornalistas escrevia do jeito que queria, sem se importar se estava de acordo com os outros ou não.

Tom Wolfe conta, em seu livro “Radical Chique – o novo jornalismo” (Companhia das Letras, 2005), que, até os anos 60, existiam dois tipos de jornalistas: os que buscavam o furo – os repórteres de *hard news* – e os que faziam as “reportagens especiais”. Estes últimos eram vistos como jornalistas menores em comparação com os caçadores de furos, e entravam na profissão somente para ganhar algum dinheiro e se preparar para o grande triunfo final: largar o jornalismo e se dedicar ao romance – à literatura ficcional. “O Romance parecia um dos últimos desses grandes golpes de sorte, como encontrar ouro ou achar petróleo, com que um americano podia, do dia para a noite num relance, transformar inteiramente seu destino” (WOLFE, 2005, p.17).

O Romance tinha um status altamente superior ao da reportagem. A hegemonia do gênero pode ser explicada pelo sucesso do Grande Romance Americano, do final do século 19, que teve como maiores expoentes William Faulkner, John dos Passos e Scott Fitzgerald. Segundo Wolfe, o próprio *New Journalism* surgiu na década de 60 para reverenciar o Romance. “Era a mais sincera forma de homenagem a O Romance e àqueles grandes, os romancistas, claro. Nem mesmo os jornalistas pioneiros nessa direção duvidavam sequer por um momento de que o romancista era o artista literário dominante, agora e sempre” (WOLFE, 2005, p.19).

E quando o Novo Jornalismo tirou do “romance o trono de gênero literário número um, inaugurando a primeira novidade da literatura americana em meio século” (WOLFE, 2005, p.9), os romancistas se viram ameaçados e os jornalistas das antigas desconfiaram. Estampando as páginas das revistas *The New Yorker* e *Esquire*, os novos textos não traziam o tom bege das reportagens tradicionais – chegavam a parecer ficção! Como o repórter conseguiu essas informações? Ele esteve presente em todos os momentos narrados? Essas aspás são inventadas? Até mesmo Tom Wolfe achou muito esquisito aquele texto publicado na *Esquire*, em 1962, contando cenas íntimas da vida de um herói dos esportes, em “Joe Louis: o Rei da meia-idade”, de Gay Talese. “Minha reação instintiva, defensiva, foi achar que o sujeito tinha viajado, como se diz... improvisado, inventado o diálogo... Nossa, talvez tenha criado cenas inteiras, o nojento inescrupuloso...” (WOLFE, 2005, p.22).

Na época, o jornalismo era aquele que cuidava dos fatos, da realidade dada, enquanto o romance tratava das grandes questões humanas, do espírito e da psicologia do homem. O Novo Jornalismo, além de trazer a estética literária para as páginas de jornais e revistas, entrou na mente dos personagens, transcrevendo pensamentos e aflições internas – as questões

humanas que antes eram monopólio dos romances. Além disso, temas acerca da sociedade americana e a literatura realista haviam sido abandonados pelos romancistas americanos, abrindo uma brecha para o *New Journalism* agir (WOLFE, 2005, p.50).

A tendência de misturar jornalismo e literatura, no entanto, não nasceu com o Novo Jornalismo, apenas ganhou certa identidade. Nas palavras de Phyllis Fruss, em *The Politics and Poethics of Journalism Narrative*, o *New Journalism* foi “uma manifestação tardia de uma longa, mas ignorada tradição de jornalismo literário que vem de Mark Twain” (FRUSS *apud* COSTA, 2005, p.268). Escritores como Twain e Ernest Hemingway já haviam misturado os dois gêneros, só que de forma contrária: faziam literatura jornalística (com técnicas da objetividade e realidade transportadas para seus romances).

Segundo Cristiane Costa, técnicas literárias foram usadas em reportagens pela primeira vez já em 1830, em jornais mais baratos voltados para a massa – na chamada *Penny Press*. Cinquenta anos depois, o formato voltou a ser usado no jornalismo sensacionalista (ou jornalismo amarelo) de Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, o verdadeiro Cidadão Kane (COSTA, 2005, p.268).

O projeto de trazer literatura para o jornalismo foi frustrado nos anos 80, quando o jornal *USA Today* criou o padrão formal da “TV impressa”. Pensando no pouco tempo disponível para a leitura na vida da população, a publicação apostou em “cobertura jornalística centrada em serviços, celebridades TV e esportes, interatividade e atualização de notícias em *web sites* e, acima de tudo, matérias curtas, básicas e puramente informativas” (COSTA, 2005, p.270). Infelizmente para os adeptos do *New Journalism*, o padrão foi exportado para o resto do mundo, inclusive para o Brasil.

Realidade também não foi a primeira experiência de jornalismo literário no país. Em 1897, a cobertura da Guerra dos Canudos por Euclides da Cunha – que acabou virando o livro “Os Sertões” – já utilizava elementos literários em uma grande reportagem para o jornal *O Estado de São Paulo* (COSTA, 2005, p.268). Um pouco mais tarde, em 1909, Oswald de Andrade escreveu a reportagem “Pennando” para o *Jornal do Comércio* sobre uma viagem do presidente Afonso Penna ao Paraná e a Santa Catarina. Como o governo proibia a cobertura direta dos acontecimentos, o “Oswald inventou um personagem, o repórter Juca Tigre, para tomar o lugar do presidente como protagonista da reportagem” (COSTA, 2005, p.268).

Outro expoente do Novo Jornalismo no Brasil foi o repórter Joel Silveira que, já na década de 40, realizou as reportagens “Eram Assim os Grã-Finos em São Paulo” e “A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista”. “Poucos terão – como Joel – um texto que

reúne com tanta maestria Jornalismo e Literatura”, afirmou o jornalista Geneton Moraes Neto em entrevista com Joel em 2002¹.

O *Jornal da Tarde*, mesmo sendo um veículo diário, também resolveu incorporar o jornalismo literário ao seu dia-a-dia, até mesmo em matérias de polícia – aquelas que não estamos acostumados a ver fugindo do modelo do *lead*. Segundo Marçal Aquino, ex-repórter, redator e subeditor do jornal, “o jornalismo era uma espécie de extensão da literatura (cheguei a fazer verdadeiras novelas policiais a partir de fatos reais)” (AQUINO *apud* COSTA, 2005, p.270).

3.1 A receita

O que interessava Tom Wolfe no novo gênero era “a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialoguismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto” (WOLFE, 2005, p.28). Para explorar todas as possibilidades, o jornalista não poupou pontos de exclamação e onomatopeias. Também inovou ao se colocar no próprio texto, escrevendo em terceira pessoa sobre o “homem de chapéu de feltro marrom” ou o “homem da gravata do Grande Almoço” (WOLFE, 2005, p.31), como se fosse um espectador de si mesmo.

Como podemos ver, o Novo Jornalismo é repleto de possibilidades e não tem nenhum manual de execução. Apesar disso, o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos resolveu enumerar alguns truques para manter um “olhar fresco” e captar muito além do que está na superfície. A lista está no posfácio do livro de Tom Wolfe.

1. Não há nenhuma lei que diga que o narrador tem que falar em tom bege ou no jornalês convencionado em Nova York. Se a história era sobre um contrabandista de bebida de Ingle Hollow, ele tentava incorporar aquela fala para passar a impressão de que olhava a cena como alguém que estava dentro dela.
2. Mude o ponto de vista quantas vezes quiser, sempre para lutar contra a monotonia do olho único do jornalista que guia a história. Vá para dentro das órbitas oculares das pessoas da história e, a partir daí, conte o que vê.
3. Para conseguir tudo isso, só existe um jeito. Entrevistar exaustivamente cada um desses guias e saber com profundidade o que ele viu. É jornalismo de Exaustão. Tudo interessa.

¹ Disponível em <http://www.geneton.com.br/archives/000025.html>. Acessado em 15 de março de 2012.

4. Avançar sobre os limites convencionais de jornalismo e, quando alguém falar em “pirâmide invertida”, dizer que isso só funciona nos jornais do Cairo.
5. Passar dias, às vezes semanas, com as pessoas sobre as quais vai escrever. O Novo Jornalismo procura o mesmo material que o jornalista convencional, e quer ir além. Quanto mais cenas você vivenciar do seu personagem, melhor.
6. Tentar estar sempre nos locais quando ocorrerem as cenas dramáticas, para captar os diálogos, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente.
7. Dar a descrição objetiva completa, e mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos, como a vida subjetiva ou emocional dos personagens.
8. Usar diálogo extenso, pontos de vista e monólogo interior. Entrar na cabeça das pessoas. É mais uma porta em que o repórter tem que bater.
9. Tom Wolfe faz uso exuberante de pontos, travessões, pontos de exclamação, reticências, e até de pontuações que nunca existiram. Ele acha que são sinais que dão a ilusão de alguém não só falando, mas também pensando. Gráficamente é também uma maneira de incorporar um ruído visual e mexer com a mente do leitor.
10. Desconheça definições do gênero “isto é um artigo”, “isto é uma crônica”. Tom pegou todos os gêneros para si, na geleia geral que o Novo Jornalismo anuncia. “Radical Chique”, por exemplo, em alguns momentos desemboca no ensaio. (SANTOS *in*: WOLFE, 2004, p.240 e 241)

O trecho da reportagem “Pobre menina miss”, reproduzido acima, cumpre alguns dos quesitos de Joaquim Ferreira dos Santos: acaba com a pirâmide invertida, o repórter passa dias com os entrevistados, procurando observar todas as cenas importantes e indo além das reportagens objetivas tradicionais. Além disso, Marão dá adjetivos aos seus personagens: Miss Argentina é “coitada” e Miss Bahia é “um pouco mais esperta” (MARÃO, 2010, p. 183). Esse tipo de liberdade não é visto normalmente nos jornais.

Apesar da clara influência do Novo Jornalismo no texto de *Realidade*, José Carlos Marão insiste que os jornalistas da revista não tinham intenção de marcar a publicação como grande (e um dos únicos) expoente do gênero no Brasil. “Quase todos tinham lido Truman Capote, Gay Talese ou Tom Wolfe, claro. Mas, que eu saiba, ninguém sentava na frente da *Studio 44* pensando: ‘Agora, vou fazer *New Journalism*’. Era pura intuição.” (MARÃO, 2010, p.32).

Mesmo com a negativa de Marão, Rodolfo Konder, outro repórter de *Realidade*, afirma que “a revista representou no Brasil a chegada do chamado *New Journalism*, que pregava o ‘casamento do jornalismo com a literatura’” (KONDER *apud* CHICO, 2011, p.14). “Por aqui, isso teve grande influência na formação da geração de jornalistas da época (...). A partir do padrão estabelecido pela *Realidade*, os profissionais de imprensa passaram a cobrar

de si mesmos textos bem mais elaborados” (KONDER *apud* CHICO, 2011, p.14), completa o jornalista. Por coincidência, a revista foi lançada em 1966, mesmo ano do lançamento de um dos marcos do *New Journalism*, o livro-reportagem “A Sangue Frio”, De Truman Capote.

O jornalista Mark Kramer também decidiu botar ordem nas maluquices do Novo Jornalismo e enumerou oito regras para se exercer o gênero – todas quebráveis, claro. Com o título “*Breakable Rules For Literary Journalists*” (“Regras Quebráveis para Jornalistas Literários”), o artigo foi publicado no livro “*Literary Journalism – A New Collection Of The Best American Non-Fiction*” e teve parte reproduzida pela revista EntreLivros, na matéria “É permitido mudar de assunto”, de Cecília Giannetti.

1. Imergir no universo do assunto da reportagem. (...) A “imersão” é necessária para garantir a compreensão do tema de maneira que mostre níveis diferentes das pessoas em suas rotinas - nuances como fragilidade, maldade, gentileza, vaidade, generosidade, egoísmo, humildade (...).
2. Relação do jornalista literário com a fonte-assunto e com o leitor. (...) O jornalista literário deve dar demonstrações de franqueza, escrevendo sem rodeios e apresentando, de forma implícita, a maneira como vai abordar seu tema.
3. Jornalistas literários escrevem quase sempre sobre eventos rotineiros. A necessidade de obter acesso total e conveniente para sua investigação obriga o jornalista literário a escolher assuntos rotineiros e lugares que podem ser frequentados (...).
4. A voz própria do jornalista literário. Ela deve ser informal, franca, irônica, humana. A impessoalidade ou a objetividade (...) são características opostas ao jornalismo literário.
5. Estilo claro e econômico. Se a linguagem da voz íntima é informal e irônica, seu estilo deve ser elegante e o mais simples possível, sem rebuscamentos (...).
6. Digressão. Falar diretamente ao leitor é uma característica dos melhores autores deste gênero; o autor torna-se um anfitrião do leitor na experiência que relata e para a qual o atrai (...).
- 7 e 8. Estruturação e o significado construído entre autor e leitor. (...) O jornalista que se utiliza de técnicas literárias para escrever suas matérias pode estruturar uma história e suas digressões da mesma maneira que um escritor de ficção. O autor deve ser capaz de criar (...) sequências de sensações e experiências emocionais e intelectuais, capazes de envolver o leitor da maneira que um bom romance ou filme faz. (KRAMER *in*: GIANNETTI, 2008, p.72)

As duas análises tratam de questões bem semelhantes. O que Mark Kramer traz de novo é a ideia de fazer um texto simples. O jornalismo, tanto o objetivo como o literário, deve se manter longe das reportagens prolixas com linguagens rebuscadas, o que afasta o leitor e não permite que ele se identifique com o texto e os personagens. Manter uma linguagem simples não quer dizer abrir mão das ferramentas literárias e do texto de qualidade – os

melhores escritores são os que não têm a necessidade de apelar para palavras que ninguém conhece para mostrar autoridade.

As reportagens de *Realidade*, como se observou em “Pobre menina miss”, cumprem essa regra: captam a simplicidade e a ironia da vida e dos acontecimentos. “E o Bigodinho resolveu então gritar com o garçom, que pagou o pato: - Oh, seu moleza, quer trazer logo uma torta!” (MARÃO, 2005, p.183).

Com base nos conceitos do Novo Jornalismo vistos acima e nas reportagens da revista *Realidade*, decidi estender a análise de três quesitos: infiltração (ou vivência, ou ainda imersão), texto e conteúdo.

3.2 Infiltração

Fazer Novo Jornalismo parece simples, mas não é. Contar uma história a partir do novo formato não é apenas fazer um relato do que foi observado de longe e não é somente uma questão de estilo de texto. O jornalista que almeja entrar para o grupo deve mergulhar no seu personagem: viver o que ele vive, entender não só a sua realidade, mas o que vai na sua cabeça. É um trabalho de intensa investigação que demanda sensibilidade e tempo, fazendo do repórter um verdadeiro pesquisador.

De um lado, pela própria ação do repórter, que teria que se colocar como um pesquisador diante do tema sobre o qual estava escrevendo: nenhum detalhe, nenhuma personagem, nenhuma causa e nenhum efeito poderia estar fora do texto; nenhuma relação entre eles poderia deixar de ser feita sob nenhum ângulo. A ambição da totalidade do real, a integração entre partes aparentemente desconexas do fato, eram, assim, apropriadas pelo jornalista. (FARO, 1999, p.51)

O caso mais emblemático desse jornalismo de vivência é justamente o trabalho “A sangue frio”, de Truman Capote (Companhia das Letras, 2003). O autor passou cinco anos se dedicando a investigar cada detalhe do assassinato da família Clutter, em uma cidade no interior do Kansas, nos Estados Unidos. Ele entrevistou parentes, amigos e até mesmo os próprios assassinos, que, após o julgamento, foram enforcados. Há relatos até de que o autor teria ido mais longe e teria tido um relacionamento amoroso com um dos criminosos, Perry Smith. Além disso, Capote revirou documentos, diários, cartas, tudo que pudesse ajudar não apenas a resolver o crime, mas a recriar o perfil daquelas pessoas. A obra de não-ficção, como Capote a classificou, é considerada a primeira de *New Journalism*.

O grande resultado de um trabalho de Novo Jornalismo não é apenas uma imersão por parte do repórter, mas também do leitor. Ele mergulha junto na nova experiência, sentindo o que personagem está sentindo, cheirando o que ele cheira e se deliciando com os pedacinhos de queijo roquefort cobertos com nozes moídas servidos no coquetel que Lenny Bernstein ofereceu aos Black Panthers, na famosa reportagem “Radical Chique”, de Tom Wolfe (WOLFE, 2005, p.154-233). Nela, o jornalista-escritor-penetra narra o encontro da elite de Nova York com ativistas negros, fazendo uso da mais fina ironia.

A reportagem com profundidade, no entanto, não é privilégio dos americanos. Em entrevista ao jornal *Unidade*, do Sindicato de Jornalistas Profissionais de São Paulo, em 1976, o repórter José Hamilton Ribeiro, uns dos principais da revista *Realidade*, contou como foi a sua estreia na publicação.

Era abril de 1966, e o convite para *Realidade* já vinha até com pauta pronta:

- Você vai ser preto por um mês.

A proposta dessa reportagem – eu me submeteria a um tratamento médico que me deixaria preto e, como preto, viveria normalmente durante um mês – uma proposta entusiasmante e irrecusável, ia ser uma das características da nova revista: matérias nascidas em grande criatividade e para serem “vividas” profunda e corajosamente. E depois transcritas com toda “verdade” possível. Daí o nome: *Realidade*.

Arranjei primeiro um dermatologista da USP, em São Paulo, que ia – através de remédios, de banhos de infravermelho e outros recursos – fazer minha pele escurecer. Não deu certo. Tentei um professor da Medicina de Ribeirão Preto, também não deu certo. Como eu não conseguia ficar preto por dentro, resolvemos tentar por fora: o maior maquiador brasileiro me fez um imenso crioulo por uma noite, e foi até divertido; mas não deu matéria. *Realidade* exigia muito mais. (RIBEIRO *apud* FARO, 1999, p.82-83)

Realidade era assim. Apesar de José Carlos Marão – outro dos grandes da revista – ter afirmado que ninguém estava ali imitando Tom Wolfe e Gay Talese, a publicação seguia os moldes do Novo Jornalismo e cumpria os requisitos estabelecidos por Joaquim Ferreira dos Santos. Os repórteres deveriam mergulhar fundo na cabeça dos entrevistados e viver suas reportagens. Mudar a cor da própria pele pode ter sido um exemplo extremo, mas traduz bem o tipo de trabalho que a revista desenvolveu.

Um ano mais tarde, em setembro de 1967, Ribeiro escreveu a reportagem “Eu fui um simples operário” (RIBEIRO, 2010, p.244-257) para o número 18 da revista. Para executá-la, o jornalista passou três semanas trabalhando em uma fábrica de São Paulo, disfarçado. Com a narrativa toda em primeira pessoa – algo impensável para os “idiotas da objetividade”, como

dizia Nelson Rodrigues –, o repórter conta sua experiência como bombeiro da fábrica e, a partir dela, narra a história dos jovens trabalhadores que conheceu – o Nemias, o João Português (o único que estuda), Lourenço (o crente) e outros.

Seu Dilermando, chefe da seção em que vou trabalhar, reúne o pessoal:

- O Hamilton vai ser o nosso bombeiro. Ficar responsável pela manutenção dos extintores e das faixas de incêndio. Peço que vocês o ajudem, se ele precisar de alguma coisa. (...)

Como sou bombeiro, posso circular à vontade e conhecer gente de todas as seções. Levo o trabalho a sério, porém, e evito olhar muito para o pessoal, pelo menos no princípio, achando que é mais importante eles se acostumarem comigo do que eu com eles. Minha primeira manhã passa logo e quase na hora do almoço sinto que correu tudo bem. (RIBEIRO, 2010, p.244)

Para mergulhar ainda mais no universo de seus personagens, Ribeiro foi morar em uma pensão com os outros trabalhadores e passou a dividir o quarto com mais seis.

Chegando à pensão, ele chama dona Teresa e nós três vamos ver o quarto. É uma garagem de carro, nos fundos, com um guarda-roupa quebrado de cada lado e quatro beliches. Não são ainda seis horas, mas numa das camas dorme um rapaz, enrolado no cobertor.

- É o padeiro. Ele começa a trabalhar à meia-noite – explica dona Teresa. Ela procura ser protetora e simpática.

- Tem uma coisa, seu Hamilton, o senhor não pode receber ninguém aqui. Se alguma pessoa vier procura-lo, o senhor atende lá fora. A gente faz assim para o bem de todos, para que um não incomode o outro. (RIBEIRO, 2010, p.249)

Outra vantagem da “reportagem de vivência” é que o repórter ganha intimidade e a confiança dos personagens, tirando confissões. Ribeiro, por exemplo, descobriu que seus amigos da fábrica jamais se casariam com uma mulher que não fosse virgem. Também percebeu que ninguém lia jornal: “Operário só compra jornal quando está procurando emprego – diz Nemias” (RIBEIRO, 2010, p.246).

A partir de uma pequena amostra, o jornalista conseguiu mostrar para o Brasil ideias e intimidades de um brasileiro pouco explorado; de um jovem que não é aquele barbudo politizado e nem o “alienado da jovem guarda”, mas do jovem trabalhador, preocupado com o futuro (MARÃO, 2010, p.242). Desse modo, o repórter conseguia misturar a realidade social com a sua experiência pessoal “para captar (o leitor) pelo cérebro e pelas entranhas, pela emoção e pela razão” (LIMA *apud* FARO, 1999, p.73).

Por vezes, o comprometimento do repórter era tanto, que a reportagem acabava trazendo consequências para sua própria vida. A necessidade de vivência – não apenas de infiltração “clandestina”, mas de estar no local na hora exata do acontecimento – das matérias

de *Realidade* era tão grande que foi preciso enviar o mesmo Ribeiro ao Vietnã para cobrir o final da guerra. “Era 1968 e havia ficado claro (...) que os americanos poderiam sofrer uma derrota humilhante no Vietnã. Nessa altura, *Realidade* já era a revista mais destacada do Brasil. E nessa condição, não poderia tratar do assunto mais importante do mundo pelas mãos de terceiros” (RIBEIRO *apud* CHICO, 2011, p.13), lembra o jornalista. E conclui contando as agruras de ser um repórter que vive sua reportagem: “E lá fui eu. Por causa de uma reportagem, passei a viver com parte do corpo a menos” (RIBEIRO *apud* CHICO, 2011, p.13). Ribeiro perdeu uma perna ao pisar em uma mina terrestre no Vietnã.

3.3 O texto

Passada a etapa de vivência e entrevista, era hora de escrever. E o formato do texto era tão importante quanto o conteúdo para *Realidade*. Ainda na entrevista ao Jornal Unidade, Ribeiro conta que, ao chegar de volta na redação, se iniciava um novo ciclo de trabalho: era preciso escrever, reescrever, embelezar, apagar, reestruturar, polir. Era contar a realidade de forma literária.

Quando a reportagem, após todo o trabalho de parto, chegava na redação, um novo ciclo começava. Aí era o Sérgio de Souza, editor de texto, que dava sua sentença:

- Está ruim. Traz aquele personagem para o começo e reescreve tudo a partir dele.

Era um tal de reescrever, reescrever, pentear, editar. Quando o texto, afinal, passava pelo Sérgio (e pela “escola de texto” que ele abriu lá, e que teve Milton Severiano, Otoniel dos Santos Pereira e outros artistas), ia enfrentar mais dois ‘casas’: Patarra e Robert Civita (...).

A estrutura de texto de certa forma também era nova. Contavam-se os acontecimentos através de histórias. Era um “romance real”. (RIBEIRO *apud* FARO, 1999, p.84-88)

Para ajudar o repórter a melhorar o texto, *Realidade* tinha um editor exclusivamente de texto: Sérgio de Souza. Sua tarefa, ao contrário da do copidesque dos jornais tradicionais, não era reescrever o texto do jornalista da forma que achasse melhor, destruindo o estilo do autor. “Enquanto o *copy* cuidava de ‘reescrever’ a reportagem, dando a ela uma nova forma, se não um novo enfoque e um novo tom, o sistema de edição de texto de *Realidade* buscava, sim, aperfeiçoar a forma da reportagem, dar-lhe propriedade e brilho, mas sem desfigurá-la” (RIBEIRO, 2010, p.411).

Nos jornais, muitos repórteres que ficavam nas ruas não conseguiam transportar suas matérias para o formato ideal do texto – claro e objetivo. Assim, sobrava para o copidesque

organizar e escrever a reportagem. Já a revista *Realidade* procurou contratar jornalistas que tivessem capacidade de trabalhar até o texto final. Muitos dos contratados, aliás, já tinham sido *copies* (RIBEIRO, 2010, p.411).

Na maioria das vezes, então, o trabalho era de embelezamento do texto. Em outras, porém, Sérgio mandava trocar personagens, mudar o foco da história e até entrevistar outras pessoas. “Esse processo de tratamento de texto que não queria menos do que uma ‘excelência’, ou um ‘valor literário’, para as reportagens, foi o que permitiu que a revista pudesse tratar de qualquer assunto com discrição e eficiência, sem rompantes ou provocações” (RIBEIRO, 2010, p.412).

Também em entrevista ao Jornal Unidade, em 1976, o então Secretário-Gráfico e Secretário de Redação de Realidade, Woile Guimarães, afirma que o formato inovador do texto da revista conseguia prender o leitor pelas longas reportagens. “Pela forma, pelo desenvolvimento e fluidez de um texto claro, atraente, que tinha os adjetivos nos lugares e nos momentos certos; e também pela técnica da narrativa, que atraía o leitor linhas a fora, 10, 12 páginas” (GUIMARÃES *apud* FARO, 1999, p.88).

Os primeiros parágrafos da reportagem “A história de um pequeno herói”, escrita por José Carlos Marão e publicada em agosto de 1967, são bons exemplos do formato literário que *Realidade* dava a seus textos. Se falássemos que esse trecho foi retirado de um romance de ficção, ninguém duvidaria.

Oyama San, como todo mundo chamava aquele japonês magrinho de 50 e tantos anos, saiu mais uma vez remando pela várzea. Era manhã de janeiro, em 1935, e Oyama San ia ver sua plantação de juta. Percorrendo as margens do Amazonas, ele olhava cada planta. Seu rosto queimado tinha a mesma expressão de desânimo de todas as vezes em que ia ao rio: a juta não passava de um metro e meio de altura, um terço do tamanho normal. Assim, ia se repetir o fracasso do ano anterior.

No limite da sua várzea, porém, o velho estremeceu. Voltou-se para Tamon, seu filho, que também estava no barco, e apontou dois pés de juta diferentes dos outros:

- Olhe aqueles dois! (MARÃO, 2010, p.319)

Marão conta uma história que aconteceu quase 30 anos antes, mas não permite que a distância temporal deixe a narrativa superficial. Com base em muitas entrevistas, o repórter vai além do falado e narra até a expressão do rosto queimado que nunca viu. Não é invenção, é apenas um modo de contar literário, que prende o leitor e leva em consideração outros níveis do personagem – não somente o que vê com os olhos, mas o que vê dentro da cabeça e das memórias dele.

Em setembro de 1968, *Realidade* chegou ainda mais perto da literatura: publicou o primeiro conto-reportagem brasileiro. A ideia partiu do jornalista João Antônio, que passou 30 dias em Santos para escrever sobre a dinâmica do porto da cidade. “A gente fazia coisas bastante loucas na revista, mas apostar em um conto-reportagem poderia descredibilizar qualquer coisa que publicássemos dali para frente”, explicou Sérgio de Souza, “era cortar na carne a tênue linha que separa fato e ficção” (SOUZA *apud* FALCIONE, 2008, p.80).

A experiência, no entanto, deu certo. O crítico Antônio Candido classificou o conto como “um dos pontos altos da produção nacional da segunda metade do século XX” (FALCIONE, 2008, p.79): “Somos obrigados a despertar, passar a mão pelo fio da alma e duvidar das divisas cujo marco é a convenção. Um banho incrível de humanidade, que inclui mergulhos até o fundo” (CANDIDO *apud* FALCIONE, 2008, p.79). Seguindo o formato literário, o conto-reportagem “Um dia no cais” começa assim:

O menino equilibra a sacola na bicicleta.
Manhã cedo. A rua é doméstica.
De longe em longe, uma locomotiva a óleo diesel apita, modorrenta, e vem furando para as luzes da zona do cais.
- Epa!
Um menino branco se esforça, sobre do selim para o cano, mete os peitos contra o guidão, se enverga, equilibra a sacola na bicicleta e corta de fininho o cais. Vai que vai embora. Está quase sozinho com as luzes no comprimento de paralelepípedos, gozando nas curvas. O menino mais o seu calção e a sua japona, seu cabelo cortado rente, sua campainha, trim-trim nas esquinas que atravessa. (ANTÔNIO *apud* FALCIONE, 2008, p.79)

3.4 O conteúdo

O terceiro fator que diferenciava *Realidade* de outras revistas existentes na época era a escolha do conteúdo. Como a ditadura ainda engatinhava nos anos áureos da publicação – de 1966 a 1968 –, a censura não impedia que as reportagens da revista explorassem temas considerados tabus: política, sexo, divórcio, a vida de operários e estudantes. A forma de tratar esses assuntos fez com que a revista moldasse um “estado de espírito que Millôr Fernandes definiria como ‘a geração Realidade’” (RIBEIRO *apud* FARO, 1999, p.84).

Evidentemente, a Redação soube entender sua época, percebeu que em 66, 67 e até fins de 68 era possível fazer jornalismo. Era possível ousar. E a ousadia foi outro traço característico do sucesso da revista. Como não havia censura até então, e navegava-se no liberalismo do presidente Castelo Branco, a revista pode entrevistar políticos cassados pela revolução de 64, pode apresentar e discutir temas esquecidos e aparentemente perigosos. Mas fez isso com cuidado,

embora com coragem e com a exposição dos fatos em seus diversos ângulos. Negar uma consciência política àquela equipe; negar-lhe uma consciência social da realidade, uma vontade de agir e de mudar, de contribuir e melhorar, é não lhe fazer justiça. Sem exageros, a revista mudou o comportamento do brasileiro. Suas abordagens do sexo, corajosas, sem sensacionalismo, destruíram muitos tabus – e foram seguidas por revistas semanais, que chegaram a se descaracterizar para também conseguir leitores. (GUIMARÃES *apud* FARO, 1999, p.88)

Em outubro de 1966, a revista publicou a reportagem “Revolução na Igreja”, de Narciso Kalili, sobre frades dominicanos. Essa corrente da Igreja Católica propunha uma verdadeira revolução na instituição, defendendo o voto de pobreza e, acima de tudo, o amor. Na época, eram citados quase diariamente pela imprensa por suas críticas ao golpe de 1964. Por essas e outras, freiras de São Paulo pediam em suas orações: “Senhor! Fazei com que nossos irmãos dominicanos se convertam ao cristianismo” (KALILI *in*: MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.171).

Publicada dois anos depois do golpe, a reportagem não foi censurada. Nela, Kalili entrevista Frei Patrício, que explica: “A Igreja não pode ficar ao lado das estruturas que oprimem a maioria. Ela deve lutar por uma mudança, que permita a distribuição justa da riqueza, sem as acumulações imorais e desonestas à custa dos humildes” (KALILI *in*: MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.163). Pouco depois de publicada a edição, a polícia invadiu o Convento dos Dominicanos, prendeu e torturou três frades por suspeita de apoiarem o movimento de Carlos Marighella.

A ditadura militar não foi sempre benevolente com *Realidade*. Um juiz determinou a apreensão do número 10 da revista, uma edição especial sobre a mulher brasileira, lançada em janeiro de 1967. Segundo Adalberto Leister Filho, a sentença justificava o ato do juiz argumentando que o objetivo da edição era “ampliar a liberdade sexual e reduzir o casamento a ‘algo secundário e dispensável, senão desprezível’” (FILHO *apud* MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.175). Entre os títulos das reportagens estavam: “Sexo não tem nada de indecência”, “Felicidade é possível sem casamento”, “Devemos ser independentes a qualquer custo” e “Três histórias de desquite” (FILHO *apud* MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.175). Esta última será analisada melhor a seguir.

Ao invés de recorrer na justiça, a revista decidiu responder à censura na edição seguinte. A carta do editor do número 11 de *Realidade* explicava a situação: “Torna-se evidente que a ‘obscenidade’ não estava em jogo (...). O que estava – e ainda está – na balança é uma atitude perante a vida, o mundo e a realidade brasileira: não querer enfrentar os problemas” (*Realidade apud* CHICO, 2011, p.20). A maior ironia estava, porém, na última

seção, com personalidades discutindo ser contra ou a favor da questão “a cegonha existe?”. Nela, o jornalista Alessandro Porro afirmou: “Órgãos de imprensa, evidentemente mal informados (ou, talvez, a serviço de interesses nem sempre claros), chegaram a publicar relatos de lírica invenção, alguns avançando a hipótese de que a criança forma-se no ventre materno, depois de um espermatozoide ter fecundado um óvulo” (PORRO *apud* CHICO, 2011, p.20).

Outra inovação de Realidade, em termos de conteúdo, foi começar a fazer reportagens de jornalismo científico. Antes, as redações contratavam médicos, agrônomos e até físicos para escreverem sobre esses assuntos. “Isso foi algo inovador; pois na época os jornais achavam que um repórter não era capaz de entender um procedimento médico ou um fato científico, quanto mais escrever sobre ele” (RIBEIRO, 2010, p.412). Um exemplo é a reportagem que o próprio Ribeiro escreveu sobre uma das primeiras cirurgias de transplante de rim feita no Brasil, em “Uma vida por um rim” (RIBEIRO, 2010, p.222-240).

4. ANÁLISE DE TRÊS REPORTAGENS

A seguir, analisarei três reportagens que têm as marcas registradas de *Realidade*: são matérias de vivência e conhecimento extremo do personagem em questão; são escritas com textos elaborados, criativos e literários, quebrando regras da objetividade – fazendo até mesmo o uso da primeira pessoa – e se aproximando das técnicas do *New Journalism*; e com temas que têm como objetivo, além de provocar e quebrar barreiras culturais, mostrar o Brasil para o Brasil.

4.1 “Coronel não morre”

Em 1966, José Hamilton Ribeiro viajou para Limoeiro, no agreste pernambucano, para fazer uma reportagem sobre o coronel da cidade, Chico Heráclio. Envolvido com jagunços e com fraudes de eleições, Chico não era uma figura fácil de convencer a dar uma entrevista. Com a ajuda de “embaixadores”, porém, o repórter insistiu e o coronel “achou que seria positivo aparecer numa ‘grande revista do Sul’” (RIBEIRO, 2010, p.52). No final, ao saber que a matéria não era paga, Chico Heráclio estranhou, com certo receio de as coisas fugirem do seu controle.

Ribeiro não fez nenhuma denúncia explícita, não usou adjetivos, mas seu texto – com estilo literário e cheio de interpretações nas entrelinhas – mostrou aos leitores um Brasil reacionário e uma política que há muito parecia não ser mais possível. Com o perfil de um personagem específico, o repórter mostrou uma realidade muito mais ampla, que se estendia por todo o nordeste.

Tudo isso, mais o fato de estar a pouco mais de 100 quilômetros de Recife, devia fazer de Limoeiro uma cidade naturalmente anticoronelista. Mas é aqui – “que parece adiantada, mas só lê 100 jornais por dia” –, de acordo com o amargurado jornalista, que o coronel Francisco Heráclito do Rego, ou simplesmente Chico Heráclio, como é mais conhecido, desenvolve ainda atividade impressionante. Ele está com 81 anos e há 60 sua vontade é lei. (RIBEIRO, 2010, p.54)

O lead da reportagem “Coronel não morre”, publicada no número 8 da revista, em novembro de 1966, não é o que estamos acostumados a ver.

Às sete da manhã já o coronel está em seu gabinete – a varanda da casa. Como sempre, há várias pessoas ali à espera de ordem: um dos dois motoristas, alguns cabras, o secretariado da cozinha, os meninos de recado. Então o coronel começa a atender os que chegam. (RIBEIRO, 2010, p.51)

Quem é o coronel? Onde estão essas pessoas? Quando isso aconteceu? Onde estão as respostas àquelas perguntas básicas que o lead precisa ter: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Parafraseando Joaquim Ferreira dos Santos: pirâmide invertida só mesmo no Cairo.

O leitor só descobre o nome do coronel no 34º parágrafo e a cidade só é situada depois, atrás de muitos travessões e conversas de Chico Heráclio com seus apadrinhados. É possível ter uma noção da influência que o coronel tem sobre o povo antes de saber quem ele é de fato – um recurso literário utilizado para prender os leitores e, nesse caso, usado como uma pista para revelar que o mais importante da reportagem é a situação e não um personagem específico.

Estruturado em cima de um dia na vida do coronel, a reportagem narra cenas extensas, em detalhes, para mostrar como é essa rotina. Assim como Mark Kramer aconselha, a matéria é baseada em um evento rotineiro, mesmo que o lugar onde ele se desenrola seja completamente fora da realidade do repórter. Todo dia, Chico Heráclio vai para sua varanda e atende pedidos de dinheiro, dá ordens aos filhos e empregados, e resolve pendências das próximas eleições:

Entra Maria das Flores, acompanhada de duas meninas. Vem para acertar as contas:

- O movimento está bom, coronel. Já alistamos 1.500 só em Campina. Estas duas moças também são eleitoras, uma tem 16, a outra 17 anos, mas nós aumentamos a idade...

- Aumentou as duas pra 18, foi?

- Foi.

- Oxente, Maria, tu fez as duas irmã fica gêmeas... (RIBEIRO, 2010, p.51)

Sem perder de vista sua função jornalística, Ribeiro não deixa de acrescentar informações factuais, possivelmente retiradas de pesquisas feitas anteriormente. “Uma boa matéria provavelmente começava na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (...). Pois é, não existia o Google”, lembra Marão (RIBEIRO, 2010, p.30). Cortada pelo rio Capibaribe, Limoeiro tem 30 mil habitantes, com ruas quase todas calçadas, bons colégios, comércio desenvolvido (RIBEIRO, 2010, p. 54). Fazer Novo Jornalismo não é só contar uma história interessante, é, antes de tudo, jornalismo, e precisa ter informações que situem o leitor.

Para trazer Chico Heráclio para as páginas da revista e fazer um perfil mais fiel do coronel, Ribeiro utiliza vários recursos. Além do tema dos diálogos – a maioria das pessoas pedindo favores ao coronel –, o texto é escrito com o sotaque e a forma de falar do personagem. “O que cumade, já está raspando a perna do defunto? Nem bem o homem chegou no céu, já vosmicê tá toda enfeitada outra vez?” (RIBEIRO, 2010, p.51), “Vam’bora

cume” e “S’imbora, Mané” (RIBEIRO, 2010, p.54) são apenas alguns exemplos. Um recurso aparentemente inofensivo permite que formemos uma ideia muito mais clara da situação, o que ajuda a transportar o leitor com mais facilidade para dentro da cena narrada. Envolver o leitor é uma das características mais importantes do Novo Jornalismo – seja por meio do ouvido, do paladar ou até do tato, o importante é fazer quem está lendo sentir e quase enxergar o que se passa na reportagem.

Outro recurso utilizado é a atenção aos detalhes. Diferente do jornalismo cotidiano, que se restringe ao mais importante por falta de espaço, a intenção do Novo Jornalismo é observar o que há de mais insignificante na cena narrada. A atenção aos detalhes faz emergir características do personagem que podem passar batidas com entrevistas superficiais. Ribeiro, por exemplo, lista todas as comidas na mesa do coronel e conclui que o homem é cuidadoso com a saúde. Descrições aparentemente desnecessárias para uma reportagem sobre o poder no Nordeste são importantes para que tenhamos uma ideia cada vez mais clara de quem é o coronel e, muitas vezes, para quebrarmos certos estereótipos.

O coronel agora está almoçando. A mesa é simples, em atenção à sua dieta de homem cuidadoso com a saúde. Nada de muita gordura e coisa picante. Carne cozida, arroz, farinha, feijão-verde, queijo assado, cuscuz de milho, banana assada, e uma variedade de legumes cozidos: macaxera, jerimum, cará, inhame, chuchu, batata-doce. Fruta caseira de sobremesa. E café. Bebida nunca. A mesa não é muito grande, mas geralmente almoçam mais de 20 pessoas, em vários turnos. Quem estiver na casa do coronel em hora de refeição só não come se não quiser. (RIBEIRO, 2010, p.55 e 56)

Outros detalhes escondidos no texto ajudam a compor o universo do personagem, cumprindo um dos mandamentos de Mark Kramer, visto acima: o de imergir na vida de quem é retratado para captar os diversos níveis da pessoa. Chico Heráclito não cuida muito da casa, mas com os carros tem um carinho especial (RIBEIRO, 2010, p.59). Seu filho, mesmo já avô, não tem coragem de fumar na frente do pai. Sempre que vai resolver pendências na cidade, o coronel não sai do carro, são os outros que vêm até ele (RIBEIRO, 2010, p.57). Pormenores que não são explícitos, mas compõe as entrelinhas.

Para fazer um perfil extenso do coronel, o jornalista não se contentou em entrevistar apenas seu personagem. É claro que muitas dessas conversas não são redigidas e ajudam apenas a compor a cena. No entanto, algumas são mais aparentes. Ribeiro falou com dona Isaura, do gabinete de Chico, que contou como as crianças só são registradas na hora de votar e como o coronel paga para os novos eleitores meia dúzia de retratos, um lanche e a passagem (RIBEIRO, 2010, p.60).

Essa situação fica ainda mais clara quando o coronel dá um *pantim* – ameaça aos adversários políticos – na casa de dona Maria por fazer uma festa para seu adversário político. Depois que Chico declara que vai acabar com a festa e vai embora, Ribeiro narra a dúvida dos que ficaram: será que o coronel está falando sério?

4.2 “Eu sou João, homem sem leitura”

Outra reportagem que vale a pena analisar é “Eu sou João, homem sem leitura”, também de José Hamilton Ribeiro, publicada no número 54 da revista, em 1970, já em sua segunda fase. Constrangido e envergonhado com a alta taxa de analfabetismo de adultos no país, o Governo Federal decidiu lançar uma campanha de alfabetização nessa época e, para aproveitar o clima, o repórter correu atrás de uma entrevista com um “meia-cuié” (pedreiro que não é oficial) de São Paulo, que não sabia ler (RIBEIRO, 2010, p.310-318).

O texto gira em torno de um único personagem, mais uma vez, mas reflete um problema geral do Brasil. Ribeiro explica: “Só na cidade de São Paulo, entre a população com mais de 14 anos, havia 500 mil analfabetos. O Governo Federal iniciou então uma campanha de alfabetização em todo o país, envolvendo educadores, artistas, entidades civis” (RIBEIRO, 2010, p.311).

O repórter decide se ausentar da reportagem e deixar a palavra com João de Souza, mais conhecido como João Baiano. E é simples assim: o texto é todo em primeira pessoa, como se tivesse sido escrito pelo próprio personagem – justamente por um homem que não sabe ler, nem escrever. Essa é a grande tirada de Ribeiro, deixar um entrevistado analfabeto contar sua história em palavras, sem aspas. Construir um formato desses só é possível no Novo Jornalismo. E lá vão o lide e o sublide nada convencionais:

Meu nome é João de Souza, mas falam João Baiano. Nasci em 6 de agosto de 2, mas não tenho certeza. Nem eu nem a mulé não temos registro. Meu pai era tropeiro em Itabuna. Não cheguê a trabalhar com ele porque quando morreu eu era ainda novinho. Era eu mais um irmão, mas esse tá com uns treis anos que ele morreu.

Trabalhar eu comecei deusde novo, deusde pequeno. Filho de pobre começa a trabalhar deusde quando começa a andar. Vai se criando ali no atraso, não é? Por que eu não tenho leitura? Lá onde nasci é lugar atrasa, cidadinha pequena que nem escola tinha. Esse povo que mora nas roça não tem estudo, que nem eu, eu e a mulé, criado na roça; os criadô não interessava porque era igual a nós também, sem estudo. (RIBEIRO, 2010, p.310)

Em alguns momentos, o personagem parece repetir a pergunta que o jornalista acabou de fazer, como no trecho “Por que não tenho leitura?”, anunciando a presença de um

interlocutor. Já quando o repórter quer fazer um comentário – mais para enfatizar o que o personagem estava falando –, Ribeiro fala entre parênteses e termina com uma pergunta que será respondida no próximo parágrafo (com um travessão) por João Baiano. O jornalista toma mais uma vez liberdade no formato textual e segue as recomendações de Joaquim Ferreira dos Santos de trocar o ponto de vista do texto quando for necessário (SANTOS *in*: WOLFE, 2005, p.240).

(Seu João Baiano está com 68 anos, tem reumatismo. Levanta às cinco da manhã e trabalha pesado até de tarde. E ainda frequenta um curso de pedreiro na Secretaria do Bem-Estar Social, à noite, três vezes por semana. De casa à escola leva uma hora e meia, contando um trecho de trem e um percurso a pé de 5 km. Seu objetivo no curso é passar de “meia-cuié” (ajudante) a oficial (pedreiro). Quando terminar esse curso, é que vai inscrever-se numa turma de alfabetização noturna, é isso?!)

- O senhor entendeu, é isso mesmo. Vou entrar num curso de leitura. Da vida, agora, só espero a morte, mas, pelo menos enquanto estiver vivo, quem sabe eu não vou ter mais pobrema na hora de saber que ônibus pegar (RIBEIRO, 2010, p.318).

Como na matéria do coronel, o jornalista entra no personagem – até mais dessa vez – e escreve com as mesmas palavras e os mesmos erros de português que João usa. Trabalhava com cacau na Bahia: “cacau é aquilo que faz tódi” (RIBEIRO, 2010, p.310). Filhos? Dez! “O senhor pensa que me alembro quando nasceu o primeiro filho? Alembro nada!” (RIBEIRO, 2010, p.311) Religião? “Crente, católico e espiritista.” Bomba atômica? “Já vi falar, mas nunca vi ela, nem quero ver” (RIBEIRO, 2010, p.312). Guerra do Vietnã? “Guerra é só mesmo por causa da terra porque um qué, outro qué, ou não qué dá, o outro qué toma, aí vem a briga” (RIBEIRO, 2010, p.316).

Mesmo analfabeto, João tem sempre um opinião e faz críticas contundentes. Para o personagem, “hoje, ninguém mais quer buscar remédio no mato, uma dorzinha de cabeça, já corre no médico” (RIBEIRO, 2010, p.312). E desfia receitas médicas para as mais variadas doenças.

No norte, ainda é assim até hoje: o homem corre no médico, mas o médico manda eles oiá o mato, tirar as raiz, as foia, as simente. Remédio pros pulmão fraco é mandioca, essa que a gente come conzinhada. Para anemia, tem a mandioca, tem a caroba, tem a salsa, tem a bucha. A bucha é pra inflamação nos baço, faz o xarope. Pra lombriga, é óleo, óleo de rici. Criança nova passa no imbigio, óleo doce. Óleo de condução não serve. Com fé em Deus, esses remédio vale mais que médico, Deus é que governo mundo, sem Deus não tem nada. (RIBEIRO, 2010, p.312)

Aparentemente fora de contexto em uma reportagem sobre analfabetismo, esses pormenores contados por João ajudam a compor sua personalidade e aproximam o leitor da realidade e da mentalidade do personagem. Com todos os recursos literários usados, Ribeiro levou o leitor a conhecer de perto e a se sentir íntimo de João Baiano.

De maneira mais tímida, mas ainda assim seguindo os passos de Tom Wolfe, José Hamilton Ribeiro usa pontos de exclamação, travessões, reticências e até repetições de palavras para enriquecer o texto: “Baiano burro nasce morto? Antão cuma é que eu tou vivo? Ah, ah, ah. Ah... eu acho que baiano é muito inteligente (...)” (RIBEIRO, 2010, p.317). Como explicou Joaquim Ferreira dos Santos, esses recursos mostram não apenas que o personagem está falando, mas também pensando (SANTOS *in*: WOLFE, 2005, p.240).

Além de todas as inovações no formato do texto, a reportagem também levanta questões políticas e é ainda mais incrível que ela tenha sido publicada em 70, depois do AI-5 e em plena ditadura militar. João Baiano é um analfabeto que, aos 68 anos, ainda pensa em ingressar em uma escola para aprender a ler, mas nem por isso tem problemas em se expressar. O personagem condena o Esquadrão da Morte do governo: “a polícia pode prender sem precisar matar” (RIBEIRO, 2010, p.316). João também afirma que não sabe o nome do presidente, governador e prefeito, mas que, quando o “averiador” – o vereador que fiscaliza as ações das autoridades – critica o político, ele sempre está certo (RIBEIRO, 2010, p.317).

E não são apenas as declarações de João que entram em conflito com o regime, é a sua história. O personagem mostra aos leitores da cidade uma vida sofrida no campo em busca de terras e as injustiças que sofreu nas mãos da polícia. Foi preso “muitas veis e abriram processo de ladrão, ladrão de terra” (RIBEIRO, 2010, p.315). Quando se recusou a assinar um contrato para se tornar agregado da fazenda onde ocupava um pedaço de terra, chegou a ser acusado como comunista. “Foi aí que o Adilon veio aqui em São Paulo e me adenunciou de comunista. Um dia aparecero lá em casa oito capturas para me levar, fizeram a maior bravura, me pegaro, dissero que ia me jogar na lagoa d’água e andaro me dando uns tapa. Depois de oito dias, eu fui solto” (RIBEIRO, 2010, p.315).

A realidade do analfabetismo no Brasil é muito grave, e até hoje não foi completamente revertida. No entanto, o final da reportagem é de esperança: “Eu sei que para quem tem leitura a vida é mais fácil, o caminho fica mais claro. Eu ainda acho que tenho tempo, é só acabar meu curso de pedreiro para entrar numa escola de leitura” (RIBEIRO, 2010, p.317).

4.3 “Três histórias de desquite”

A reportagem “Três histórias de desquite” de José Carlos Marão, publicada em janeiro de 1967, fazia parte da edição da revista que, entre outros motivos, foi apreendida por tratar o casamento como item secundário na vida de uma mulher. Talvez seja a distância temporal e cultural, mas o juiz parece ter se enganado. Não é nada disso. A matéria mostra – de modo até bastante imparcial – o relato de três mulheres desquitadas e como elas se sentiam na sociedade da época. Tirando a última, são histórias tristes de mulheres que gostariam de ser casadas novamente, mas não podiam porque a lei e o julgamento dos vizinhos não permitiam (MARÃO, 2010, p.189-200).

Mas vamos lá. Marão divide a reportagem em três partes e em cada uma delas usa um formato de texto, a partir de pontos de vista diferentes. Na primeira história, a de Elisa Monteiro, o jornalista apenas apresenta a personagem e passa a palavra para o diário pessoal da moça, que conta a evolução de sua vida a cada mês do ano. Em primeira pessoa e entre aspas, Elisa, de 34 anos, conta sua saga de mulher desquitada, sem filhos e que voltou a morar com os pais (MARÃO, 2010, p.189). Ingênua, Elisa aceita convites de homens para jantar, sempre com as esperanças renovadas, mas a frustração não tarda a chegar: a intenção deles é sempre a mesma – levá-la para a cama.

Agosto – Será que nunca um homem vai olhar com respeito para uma mulher desquitada? Hoje o T. me convidou para jantar. Eu aceitei e perguntei se dona M., a esposa dele, estava prevenida. Ele respondeu que nós íamos jantar fora, que nesses jantares assim esposa não entra e os filhos não ficam sabendo. E disse que tinha um bom programa para depois do jantar. Eu fui chorar no banheiro. (MARÃO, 2010, p.189)

Após o desquite, Elisa não apenas perdeu seu marido, mas os amigos e passou a ser vista como prostituta pelos rapazes. E se faz indagações que, lidas com a mentalidade dos anos 2000, são chocantes: “Também quero casar de novo. Será que minha mãe vai deixar?” (MARÃO, 2010, p.191).

A história de Dona Dagmar, de 42 anos, é um pouco diferente. Desquitada há seis anos, tem uma filha e a mãe para cuidar, mas também sofre com o preconceito. O namorado da filha termina com ela após descobrir que a mãe é separada, e usa a seguinte desculpa: “Ah, sua mãe é desquitada, e filha de peixe peixinho é” (MARÃO, 2010, p.194). É mais um relato triste e mostra como a sociedade da época se comportava. No trabalho, os homens passaram a dar mais atenção para Dona Dagmar. Já os vizinhos ficavam em polvorosa quando a desquitada pegava carona com um homem.

Até mesmo quando se apaixona, a senhora sabe que não poderá se casar novamente. “Mas eu tenho um problema muito sério comigo. É minha filha. O meu comportamento tem de ser perfeito, para que ela tenha bons exemplos. Eu nunca poderia viver com outro homem se não pudesse casar com ele legalmente” (MARÃO, 2010, p.196).

Em termos mais técnicos, dessa vez o ponto de vista da reportagem não é mais da personagem. Marão conta a história em terceira pessoa, apenas com alguns travessões de Dona Dagmar.

Dona Dagmar, na época do desquite, morava num bairro do Rio de Janeiro. Tinha muitos amigos e todos concordavam que o comportamento de seu marido não era dos melhores. Até achavam que ela devia largá-lo. Mas, quando isso aconteceu, todo mundo mudou de opinião.

- Eu passei a ser olhada pelas mulheres como um espécime diferente. Acho que elas me consideravam uma inimiga, que a qualquer momento pode tomar os maridos horríveis que elas têm. (MARÃO, 2010, p.194)

A terceira e última história é a única que mostra um segundo casamento feliz. O relato é o seguinte: Emília se desquitou e, mesmo tendo dois filhos, conseguiu se casar com Oscar, fora do país. Emília foi bem recebida pela família do marido e encontrou a felicidade. Mas não foi sempre assim: “É a pior coisa do mundo. Para começar: os meus parentes menos próximos começara a me evitar. (...) E para arrumar emprego, então? Nem fale. (...) Saí por todas as firmas que anunciavam vagas, mas ninguém me queria” (MARÃO, 2010, p.198).

Só que agora o estilo de texto muda pela terceira vez: é de perguntas e respostas, demarcados com travessões, e alguns parágrafos de texto corrido para ilustrar – como quando Emília Lopes se levanta para pegar um cafezinho (MARÃO, 2010, p.198) ou quando as crianças entram na sala (MARÃO, 2010, p.199).

- E como a família do Oscar recebeu a senhora, dona Emília?

- Bom, eles sabiam que eu era desquitada. Sabiam também dos meus dois filhos. Isto me preocupava. Mas só de chegar lá eu perdi a timidez. Fui muito bem recebida. Encontrei logo uns conhecidos, tudo foi muito bem. E o Oscar tem nove irmãos, sabe? Eu me dei bem com todos eles.

Mario e Maria das Graças entram na sala, um pouco espalhafatosamente, rindo alto, fazendo piadas sobre futebol com o pai adotivo.

- Filho, deixa a mamãe conversar.

- Nós queremos conversar também, mãe.

O menino e a menina saem rindo como entraram. Não querem saber de conversa de gente grande. Estavam só brincando (MARÃO, 2010, p.197).

Do conteúdo nem é preciso falar muito. A ousadia da reportagem é clara e bate de frente com a ideia sagrada da instituição “família” concebida pela sociedade e estimulada pelo regime militar. O problema é que nem todos conseguiam manter as aparências e precisavam se separar. *Realidade* foi atrás dessas pessoas que não tinham voz.

As três personagens foram escolhidas depois de uma ampla pesquisa encartada em edições anteriores da revista. Entre alguns dados essenciais, havia, no cartão-resposta da pesquisa, um espaço para que cada uma contasse, resumidamente, sua situação. Apareceram casos de mulheres que queriam um segundo relacionamento, mas não conseguiam, por discriminação. Outras que não queriam um segundo relacionamento, para não “manchar” a vida e prejudicar os filhos. Por fim, uma terceira situação, a das que tinham um segundo casamento, aparecia também com menor frequência. Entre milhares de respostas, foram escolhidas essas três por representarem, de certa forma, a situação geral. (MARÃO, 2010, p.191).

José Carlos Marão conta que procurou as três personagens, realizou extensas entrevistas e precisou mudar o nome delas para evitar uma exposição ainda maior (MARÃO, 2010, p.191). Lendo o texto é possível perceber que o jornalista não se satisfaz apenas em transportar os relatos pura e simplesmente para o papel. Ele foi além e, como manda o bom novo jornalismo, captou os sentimentos e aflições daquelas mulheres. Nas duas primeiras histórias, a angústia é aparente não apenas nas palavras, mas na atmosfera da matéria. Sobre Dona Dagmar, Marão conclui: “Precisava cuidar da casa, levar uma vida simples, e não passear, se divertir. Muito menos gostar de home: não tinha esse direito” (MARÃO, 2010, p.196).

Para contrabalancear, a terceira história é mais alegre, mas não de forma excessiva. O que mostra mesmo é uma família normal, equilibrando brigas e amor. “Briga não tem? Ah, muitas. Mas eu brigo sozinha – diz dona Emília – o Oscar não abre a boca. Ele sabe quando estou nervosa” (MARÃO, 2010, p.199). Como manda Mark Kramer, Marão parece ter sido franco com o leitor: ele não floreou nenhuma das histórias e não defendeu nenhum lado.

Assim como nas reportagens analisadas acima, o jornalista apresentou situações individuais para contar de uma realidade mais ampla e cada vez mais comum no Brasil dos anos 60 e 70. Um Brasil que ainda não admitia o que estava bem debaixo do seu nariz: a realidade da separação e uma nova concepção de família.

A grande inovação do texto de Marão, nos moldes do Novo Jornalismo, é a troca de ponto de vista dentro de uma mesma matéria. Seguindo o conselho “mude o ponto de vista quantas vezes quiser, sempre para lutar contra a monotonia do olho único do jornalista que guia a história” (SANTOS in: WOLFE, 2005, p.240), o repórter entra na pele de Elisa, depois

vira o narrador onisciente do relato de Dagmar, e, a seguir, volta ao posto inicial, fazendo seu papel de entrevistador na casa de Emília. Assim, Marão quebra a monotonia de um relato que poderia ser linear e bege.

5. POR ONDE ANDA O NOVO JORNALISMO?

O Novo Jornalismo teve seu auge nos anos 60, mas, 20 anos depois, foi frustrado pela preferência da imprensa por outro padrão de jornalismo – mais objetivo e rápido. Segundo Vitor Necchi, em seu trabalho “A (im)pertinência do nome ‘jornalismo literário’”, o termo Novo Jornalismo é restrito a um período específico da história, enquanto o nome do gênero do texto que mistura realidade e literatura seria jornalismo literário – denominação que o autor também considera equivocada (NECCHI, 2009, p.104).

Assim, após a fase áurea do Novo Jornalismo, o gênero jornalismo literário foi pouco explorado nas páginas de jornais e revistas, principalmente no Brasil.

Desde o fenômeno (da revista) *Realidade*, pouco se praticou jornalismo literário no Brasil – pelo menos na grande imprensa. Os dirigentes dos jornais costumam alegar equipes reduzidas, falta de espaço para textos caudalosos, orçamentos minguados a impedir que um repórter permaneça semanas ou meses investigando uma história e falta de interesse dos leitores por textos longos. Para esse último argumento, cabe um comentário: é impressionante como se propaga a tese de que o leitor brasileiro não quer textos de maior fôlego. O poder generalizante da afirmação risca das possibilidades uma gama de pessoas que querem e apreciam narrativas mais elaboradas. Na verdade, há uma tendência dos dirigentes de grandes veículos menosprezarem seu público (NECCHI, 2009, p.106).

Questionado por Paulo Chico, na edição de maio de 2011 do jornal da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), se o formato de *Realidade* tem espaço nas revistas hoje ou se está ultrapassado, o jornalista Carlos Azevedo afirmou que o estilo está presente em toda “reportagem que pratica jornalismo de verdade”. O problema é que Carlos, um dos fundadores de *Realidade*, não consegue mais encontrar esse jornalismo de verdade. “A indústria cultural não consegue perceber a diferença de qualidade, a fina flor de um texto inspirado... Para ela, o que interessa é papel pintado para vender anúncio. E fazer propaganda ideológica disfarçada de jornalismo” (AZEVEDO *apud* CHICO, 2011, p.15).

Milton Coelho Graça, outro repórter que integrava o *dream team*, tem uma visão mais positiva do futuro do texto *a la Realidade*. Para ele, o estilo da revista sobrevive, como demonstram algumas publicações mensais. “Os jornalistas estão mudando, porque as novas tecnologias exigem isso, mas ainda há muito espaço na mídia para o texto e a foto de excelente qualidade (...). Até porque, além de sexo, nada consegue igualar o prazer de uma leitura agradável, inteligente e com muita informação” (GRAÇA *apud* CHICO, 2011, p.15).

Já José Hamilton Ribeiro equilibra as opiniões. Apesar de considerar que o jornalismo feito hoje é ruim, o repórter acredita que a população anseia sim por uma publicação de qualidade. E que só bastará ela aparecer para angariar leitores.

Há espaço para uma revista de reportagens bem feitas, com texto cuidado, com pauta criativa... Vemos cada coisa por aí! Acho que o público espera por algo com ‘qualidade literária’, que lhe dê prazer na leitura. Infelizmente, em matéria de jornalismo – e não só de jornalismo – o Brasil de hoje está acostumado com coisa ruim. Estamos vivendo, talvez, uma das épocas mais medíocres deste país. Assim, quando surgir no jornalismo uma coisa boa, vai ser fácil o povo se acostumar. Se está acostumado com o que é ruim, na hora em que surgir o bom, ele vai correndo atrás. Foi assim com a nossa revista (RIBEIRO *apud* CHICO, 2011, p.15).

Analisando as opiniões acima, é possível concluir que não é o leitor que deixou de pedir por uma publicação mais aprofundada e com texto literário. A demanda existe. Agora é a vez dos donos de jornais e revistas perceberem isso e apostarem suas fichas em um público que não se contenta com pouco.

5.1 A resistência do jornalismo literário

Muito saudosos de uma experiência que foi única no Brasil, os jornalistas de *Realidade* talvez tenham passado por cima de publicações que buscam fazer jornalismo literário hoje. Como afirmou Milton Coelho Graça, revistas mensais como a *Piauí* e a *Brasileiros* resistem ao fim do jornalismo literário e de qualidade.

Para suprir a demanda de um público menosprezado, João Moreira Salles e Luiz Schwarcz lançaram, em 2006, a revista *Piauí*, que segue os moldes de *Realidade* em muitos aspectos. As reportagens de *Piauí* também são longas – sem os limites espaciais que cerceiam a criatividade –, buscam contar histórias sobre pessoas interessantes e, muitas vezes, desconhecidas, e usam técnicas literárias, como uma linguagem mais solta e o uso ocasional da primeira pessoa. Antes de seu lançamento, os assinantes da Editora Abril – a mesma de *Realidade* – receberam um texto explicando a proposta da revista e afirmando que ela não seria “ranzinza nem chata” (PIAÚÍ *apud* NECCHI, 2009, p.102).

Piauí será uma revista para quem gosta de ler. Para quem gosta de histórias com começo, meio e fim. Como não se inventou nada melhor do que gente (apesar de inúmeras exceções, vide... deixa pra lá), a revista contará histórias de pessoas. De mulheres e homens de verdade. Ela pretende relatar como pessoas vivem, amam e trabalham, sofrem ou se divertem, como enfrentam problemas e como sonham. *Piauí* partirá sempre da vida concreta (...).

O formato grande fará com que se encontre bastante coisa para ler e ver em *Piauí*. Para que ela dure um mês nas mãos dos leitores. Para que as reportagens e narrativas terminem quando o assunto terminar, em vez de ficarem espremidas porque o espaço acabou. O tamanho maior favorecerá a inventividade, possibilitará a publicação de imagens reveladoras sem perda de nuances e detalhes (*Piauí apud NECCHI, 2009, p.102*).

Na edição de maio de 2011, a revista *Piauí* trouxe a reportagem “Baraquio Bama vale nota 10”, de Paula Scarpin, que lembra muito a pauta de “Eu sou João, homem sem leitura”, publicada em *Realidade*, em 1970, por José Hamilton Ribeiro. Assim como Ribeiro fez, Paula parte da história de Antônio Bonfim Ferreira para falar do analfabetismo no Brasil. A repórter também não se contentou com uma simples entrevista e acompanhou seu personagem em seu trabalho como subchefe de um restaurante em Copacabana, em sua casa no Complexo do Alemão e em suas aulas de alfabetização em uma escola da comunidade. E, o que não podia faltar, o texto também é dado aos caprichos literários. Assim começa:

Já passava do meio-dia de segunda-feira e o restaurante Garota de Copacabana da Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, continuava às traças devido à chuva. Os cozinheiros ainda comentavam o movimento do dia anterior, um domingo ensolarado de abril. O auxiliar de cozinha terminava de lavar a pilha de pratos do almoço dos funcionários quando a impressora cuspiu uma notinha do balcão. Era o primeiro pedido do dia.

O subchefe Antônio Bonfim Ferreira, um baixinho branquelo muito musculoso, destacou a papeleta curva da impressora. “Xis...xis é peixe. Nando, vê pra mim aqui se é gurrão ou filé.” O auxiliar Nando, sem muita paciência, leu: “Prato feito de filé de peixe.”

Cozinheiro há mais de quinze anos, Antônio Bonfim enfrenta diariamente um adversário desigual: a automatização das comandas, introduzida no Garota em 2007. Até então os garçons iam à cozinha e cantavam os pedidos em alto e bom som (...).

Para saber do que se trata, é preciso lê-lo. Mas Bonfim é analfabeto e boa parte dos seus colegas só descobriu que ele não sabia ler com a chegada da novidade. Agora, mais do que exposto, o cozinheiro se sente vulnerável. (SCARPIN, 2011, p. 34)

A mesma história se repete mais de 40 anos depois e até a forma de contar é parecida. A partir de João e Antônio, os jornalistas situam o leitor nas condições de alfabetização da sociedade brasileira. A reportagem de Paula, no entanto, é menos ousada. Ela não usa a primeira pessoa e não aproveita a forma de falar – sotaque nordestino, erros de português – de Antônio para contar. Eles são aproveitados apenas na hora que a professora pede as redações dos alunos: “O carnaval e uma besta de bauro te desato o que acotesi muit morte” e “Baraquio Bama veio o Brasil nao gostei porque ele para muitas coisas no centro da cidade e porque não podia ter nenhum avião no ceu” (SCARPIN, 2011, p.36). Além disso, Paula oferece mais

informações factuais, fazendo uma retrospectiva dos programas de alfabetização que o país já teve.

Menos conhecida que a *Piauí*, a revista *Brasileiros* também faz uso do jornalismo literário. No artigo “Características do Jornalismo Literário no meio impresso: uma análise da Revista *Brasileiros*”, Geovanna Argenta de Bastos Resende afirma que, apesar do gênero jornalismo literário não ser predominante nas páginas da publicação, “a *Brasileiros* faz um jornalismo diferente da mídia convencional, utilizando inúmeras fotos e imagens nas reportagens, permitindo que o autor da reportagem opine, e, principalmente falando de assuntos que não têm muito espaço na mídia tradicional” (RESENDE, 2010)². O que mais lembra *Realidade*, no entanto, é que a proposta da *Brasileiros* também é mostrar um Brasil pouco explorado para o resto do Brasil.

Os jornais, às vezes, dão o braço a torcer e fazem reportagens mais aprofundadas, principalmente em suplementos semanais. A *Revista* do jornal *O Globo*, que sai aos domingos, por exemplo, dá um colorido literário a suas reportagens, mas não chega perto da profundidade exigida pelo finado Novo Jornalismo. Na matéria “Juliana Paes dá nova vida a Gabriela em novela da Globo”³, publicada no dia 20 de maio de 2012, o jornalista Renato Lemos usa bastante sua liberdade textual.

Juliana é muito gabriela. Sônia Braga sempre será. Camila bem que poderia ser. Ivete é gabriela, Claudinha não é. Gaby Amarantos está louca pra ser. Gal é gabriela, Bethânia nem tanto. Dorival é muito gabriela, Caetano muitas vezes é, Chico é gabriela mesmo quando nem quer ser. Gilberto Gil é mais gabriela do que a Preta Gil. Valeska Popuzuda é a antigabriela. Luan Santana também. Neymar é supergabriela, Ronaldinho Gaúcho já foi. Garrincha era mais gabriela que Pelé. Lula em alguns momentos foi gabriela. Dilma nunca será. Já Marília adora ser Gabriela (LEMOS, 2012).

Com espaço limitado nos periódicos, as longas matérias de jornalismo literário encontraram espaço nos livro-reportagens. No posfácio do livro “Hiroshima” (Companhia das Letras, 2002), de John Hersey, o jornalista Matinas Suzuki Jr afirma que “a partir dos anos 80, com a diminuição crescente do espaço nos jornais e revistas, alguns autores passaram a publicar reportagens diretamente na forma de livro; no Brasil, essa foi a única maneira de o jornalismo literário sobreviver” (SUZUKI *apud* NECCHI, 2009, p.102 e 103). Publicada pela primeira vez em 1946 pela revista *The New Yorker*, “Hiroshima” traz o relato de

² Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-2823-1.pdf>. Acessado em 9 de maio de 2012.

³ Disponível em <http://oglobo.globo.com/revista-da-tv/juliana-paes-da-nova-vida-gabriela-em-novela-da-globo-4936140>. Acessado em 5 de junho de 2012.

sobreviventes da tragédia e lidera quase todas as listas como melhor reportagem já escrita (NECCHI, 2009, p.100).

Muitos jornalistas brasileiros têm investido em livros-reportagem, como Zuenir Ventura com seus “Cidade partida” e “1968 – O ano que não terminou”, Geneton Moraes Neto com “Dossiê Moscou”, Caco Barcellos com “Abusado”, entre muitos outros exemplos. Até mesmo os jornalistas José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro decidiram eternizar as reportagens de *Realidade* no livro “Realidade Re-vista”, que serviu de base para este trabalho. “O livro-reportagem é o jornalismo da permanência e da profundidade, sem a volatilidade e a pressa das edições paridas por rotativas a cada 24 horas e com mais prazo de elaboração do que as revistas” (NECCHI, 2009, p.106).

Em um painel de discussão em 2000, o jornalista americano Robert Vare corroborou a ideia de Necchi.

As revistas de interesse geral, em particular, têm se enfraquecido e mostrado poucos sinais de renascimento como santuário do jornalismo narrativo. Por outro lado, são grandes as perspectivas para escritores de não-ficção em outro meio tradicional, os livros, como mostram as listas semanais de best-sellers nos últimos cinco a dez anos”⁴ (VARE, 2000)

5.2 Narrative Writing

Robert Vare é professor da Nieman Foundation for Journalism, da Universidade de Harvard, e tem ajudado a disseminar o conceito de um jornalismo narrativo. Vendo as ideias de Tom Wolfe e Gay Talese desaparecendo das páginas de periódicos, a Nieman Foundation publicou, em 2000, um número especial da revista Nieman Reports sobre *narrative writing*. A meta era criar um novo movimento narrativo em “busca de um texto jornalístico que ultrapassasse a mera descrição dos fatos e as limitações do modelo normatizado, sensibilizando o leitor para o lado humano das histórias narradas pela imprensa” (COSTA, 2005, p.271). Uma espécie de Novo Jornalismo contemporâneo.

O objetivo do movimento não é se opor ao jornalismo objetivo, mas surgir como uma forma de complemento. Adaptando as perguntas essenciais do lead objetivo (Quem? O quê?

⁴ No original: “General interest magazines, in particular, have been weakened and show few signs of rebirth as a sanctuary for the narrative form. On the other hand, prospects for narrative nonfiction writers in the other traditional source, book publishing, are exceptionally strong right now, as any glance at the weekly bestseller list over the last five or 10 years will attest.” Disponível em <http://www.nieman.harvard.edu/reports/article/100535/The-State-of-Narrative-Nonfiction-Writing.aspx>. Acessado em 10 de maio de 2012.

Onde? Quando? Por quê? Como?), a *Narrative Writing* transforma as questões em Personagem, Plot, Cenário, Contexto, Leitmotiv e Forma, respectivamente. E, claro, sem deixar de lado a figura do narrador, que é perceptível e tem um papel importante na reportagem (COSTA, 2005, p.271-272).

Em termos técnicos, o *New Journalism* e o *Narrative Writing* são bem semelhantes. O que separa mesmo os dois movimentos é o contexto em que foram pensados. O *Narrative Writing*, ao contrário do gênero de Wolfe, não se atém apenas a textos experimentais, mas a todos que utilizem elementos narrativos em publicações de não-ficção, podendo ou não ser jornalísticas (COSTA, 2005, p.271-272).

Para o jornalista Walter Kirn, que escreve para a revista *Time* e também participou do painel em 2000, vivemos um período com baixa renovação estética, tanto no texto de não-ficção como nos próprios romances, e ainda vai demorar para que tenhamos uma atmosfera favorável a criação. “Uma vez que estivermos comprometidos com a tarefa de contar histórias, e uma vez que os leitores estiverem treinados novamente a responder a essa forma de narrativa, provavelmente teremos pessoas inovando.”⁵ Kirn acredita que, quando a inovação narrativa se fortalecer e triunfar, seu palco será a internet e não mais os jornais tradicionais.

Já o jornalista Thomas French, autor do texto “O veredicto está no 112º parágrafo” (“The verdict is in the 112th paragraph”)⁶, que também faz parte do Nieman Reports, acredita que o jornalismo narrativo é possível em jornais, com prazos diários de entrega de texto. Após cobrir um julgamento, levando mais em consideração o entorno da situação do que o próprio resultado do tribunal, French afirma que a lição que o marcou é a de que “o texto narrativo abrange possibilidades que apenas agora começamos a explorar” (FRENCH, 2000)⁷.

Assim como no Novo Jornalismo, o texto da fundação deixa claro que “as linhas entre ficção e não-ficção são claramente demarcadas” e que os jornalistas não podem perder de vista o primeiro mandamento do jornalismo: “Nenhum repórter deveria adicionar a uma matéria eventos ou detalhes que não ocorreram de fato. Nem uma reportagem deveria

⁵ Disponível em <http://www.nieman.harvard.edu/reports/article/101832/Talking-About-Narrative-Journalism.aspx>. Acessado em 14 de maio de 2012. No original: “Once we’re fully engaged in telling stories again for their own sake, and once the audience has once again been trained to respond to storytelling form, we’ll have people who shake it up.”

⁶ Disponível em <http://www.nieman.harvard.edu/reports/article/100537/The-Verdict-Is-in-the-112th-Paragraph.aspx>. Acessado em 14 de maio de 2012.

⁷ No original: “Narrative holds possibilities that we have only begun to explore”.

intencionalmente fazer o público de bobo” (NIEMAN REPORTS *apud* COSTA, 2005, p.273).

6. CONCLUSÃO

O jornalismo não precisa ser bege! Nem nos Estados Unidos, e nem por aqui no Brasil. Este trabalho procurou mostrar a influência do Novo Jornalismo – movimento norte-americano que buscou aprofundar e dar ares literários aos textos jornalísticos – nas reportagens da revista *Realidade*, que foi publicada no país entre 1966 e 1973.

O Novo Jornalismo americano teve seu apogeu na década de 60, com representantes de peso como Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer. O que esses e outros jornalistas fizeram foi retirar o Romance de ficção de seu pedestal e abrir espaço para um jornalismo diferenciado. Não bastava mais uma entrevista rápida, uma cobertura sem a presença do repórter ou um lide que resumisse uma informação de forma ágil, sem floreios. O jornalismo, para os expoentes do novo movimento, devia ser aprofundado, era preciso passar semanas – até meses – com o entrevistado, captando mais do que ele falava – expressões, sentimentos, trejeitos, tudo era bem vindo. Após uma apuração muito detalhada, o texto devia ser feito de maneira livre. Não quer colocar a informação principal no lead? Não precisa! A ideia é escrever de modo literário, sem hierarquias e amarras do jornalismo diário. É preciso prender o leitor e levá-lo a conhecer intimamente o personagem. E se para isso for preciso usar interjeições, exclamações, diferentes pontos de vista ou até a primeira pessoa, está tudo liberado.

Mesmo não tentando imitar o estilo americano, a revista *Realidade* tinha como objetivo fazer matérias profundas, com um texto envolvente e, claro, com um conteúdo que mostrasse o Brasil para o Brasil, sem censura. Em plena ditadura militar, *Realidade* conseguiu publicar reportagens sobre política, jovens, sexo e até casamentos desfeitos. Para isso, cada repórter dedicava um bom tempo ao personagem e ao tema das matérias. José Hamilton Ribeiro, por exemplo, chegou a se disfarçar de operário e trabalhar em uma fábrica para entender melhor o que era ser jovem e trabalhador no Brasil dos anos 60. Depois da apuração, cada jornalista tinha um estilo próprio de escrever seu texto. Como mostraram as três reportagens analisadas nesse trabalho, Ribeiro abusou de erros de português e transcreveu o sotaque dos personagens em “Coronel não morre” e “João, homem sem leitura”. Nesta última, o jornalista ainda escreveu todo o texto em primeira pessoa, como se o entrevistado estivesse contando a história. Já na reportagem “Três histórias de desquite”, José Carlos Marão muda três vezes o ponto de vista da matéria.

Realidade fechou as portas em 1973 e, deste então, não é fácil encontrar uma publicação com sua profundidade e qualidade do texto. Jornalistas que fizeram parte do *dream team* de *Realidade* acreditam que os leitores de hoje receberiam bem uma revista assim, mas são os próprios donos dos meios de comunicação que não percebem (ou não querem perceber) essa demanda – tanto pelo trabalho, quanto pelo custo de manter reportagens desse porte. Mas, nem tudo está perdido. Revistas como a *Piauí* e *Brasileiros* ainda tentam resgatar, mesmo que de forma mais tímida, o jeitinho de *Realidade*. Além disso, uma enxurrada de livros-reportagens estão aí para mostrar que a apuração profunda não morreu. Até mesmo jornalistas da Nieman Foundation for Journalism, da Universidade de Harvard, têm discutido o futuro do que eles chamam de *Narrative Writing* – uma espécie de Novo Jornalismo contemporâneo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. *Realidade Re-vista*. 1ª edição. São Paulo: Realejo, 2010.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Periódicos:

CHICO, Paulo. *Desta revista restou bem mais do que saudade*. *Jornal da ABI*, edição extra, n. 366, p.10-15, maio 2011. Disponível em:

<http://www.readoz.com/publication/read?i=1038832&pg=15#page14>

FALCIONE, Gabriel. *O conto-reportagem de João Antônio*. *Biblioteca EntreLivros: Jornalismo X Literatura*. São Paulo: Duetto, edição especial, n. 11, p. 74-81, agosto 2008.

GIANNETTI, Cecília. *É permitido mudar de assunto*. *Biblioteca EntreLivros: Jornalismo X Literatura*. São Paulo: Duetto, edição especial, n. 11, p. 66-73, agosto 2008.

LEMO, Renato. *Juliana Paes dá nova vida a Gabriela em novela da Globo*.

SCARPIN, Paula. *Baraquio Bama vale nota 10*. *Piauí*, n. 56, ano 5, p. 34-37, maio 2011.

Artigos, teses e monografias:

FARO, José Salvador. *Revista Realidade 1966–1968: Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas, Rio Grande do Sul: Editora da Ulbra, 1999. Disponível em <https://docs.google.com/file/d/0B6d2e8Da0SbcZjg0NDZmN2MtYzFiMy00YjY1LTkxZjAtM2FiOTg0YzY1MjIj/edit?pli=1>

DORNELES, Vanderlei. *Do verbal para o visual: o status da imagem nas revistas semanais de informação*. Dissertação de Mestrado. Umesp. São Bernardo do Campo, SP, 2004.

GUEIBER, Vanderlei. *Representação do Jovem: a Revista Realidade e a construção de uma imagem de juventude, em 1967*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007. Disponível em:

http://www.historia.ufpr.br/monografias/2007/2_sem_2007/vanderlei_gueiber.pdf

KINSKY, Fernanda e MARINHO, Vanessa. *Pessoal da Piauí diz que a revista está mais para a Realidade e a The New Yorker*, 2009. Disponível em:

<http://blogdarevistadiners.blogspot.com.br/2009/10/entrelace.html>

LACOMBE, Milly. *A melhor revista que o Brasil já teve virou livro*, 2010. Disponível em:

<http://colunistas.ig.com.br/livros/tag/realidade-revista/>

NECCHI, Vitor. *A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”*. Florianópolis: PUC-RS, 2009. Disponível em:

<http://journal.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/10950/10420>

NETO, Geneton Moraes. *Joel Silveira*, 2004. Disponível em:

<http://www.geneton.com.br/archives/000025.html>

RESENDE, Geovanna Argenta de Bastos. *Características do Jornalismo Literário no meio impresso: uma análise da Revistas Brasileiros*. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-2823-1.pdf>

TORRES, Fernando Marcondes de. *Revista Realidade (1966-1976): Modelo de reportagem transitório entre as revistas ilustradas e de informação*. Maringá: UEMG, 2005. Disponível em:

<http://circle.adventist.org/files/unaspress/actacientifica2005023909.pdf>

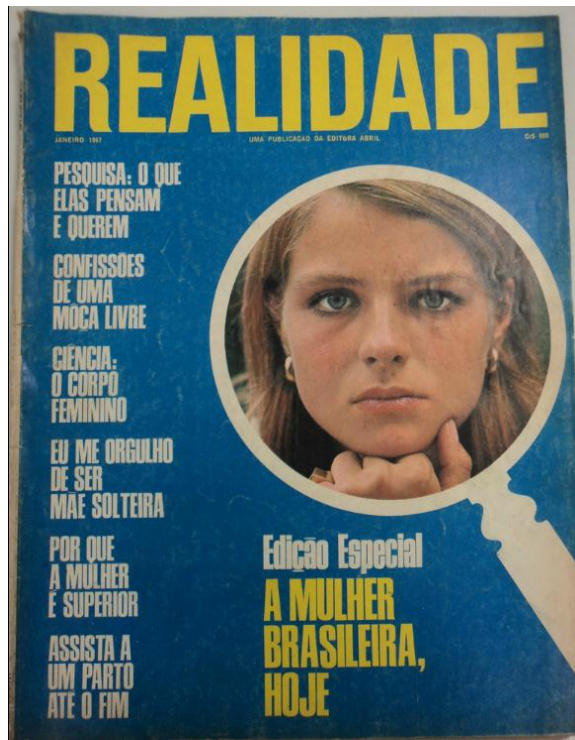
VARE, Robert. *The state of narrative nonfiction writing*, 2000. Disponível em:
<http://www.nieman.harvard.edu/reports/article/100535/The-State-of-Narrative-Nonfiction-Writing.aspx>

Sites:

<http://virourealidade.blogspot.com.br/>

<http://oglobo.globo.com/>

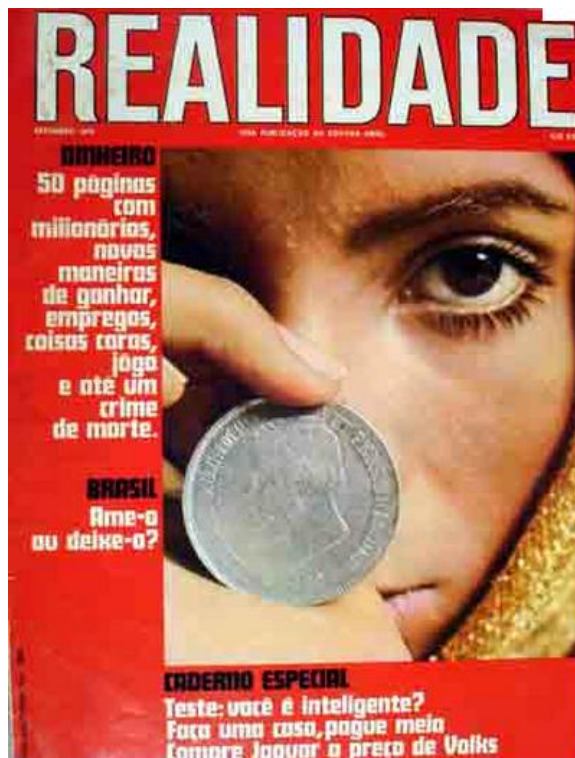
ANEXO I



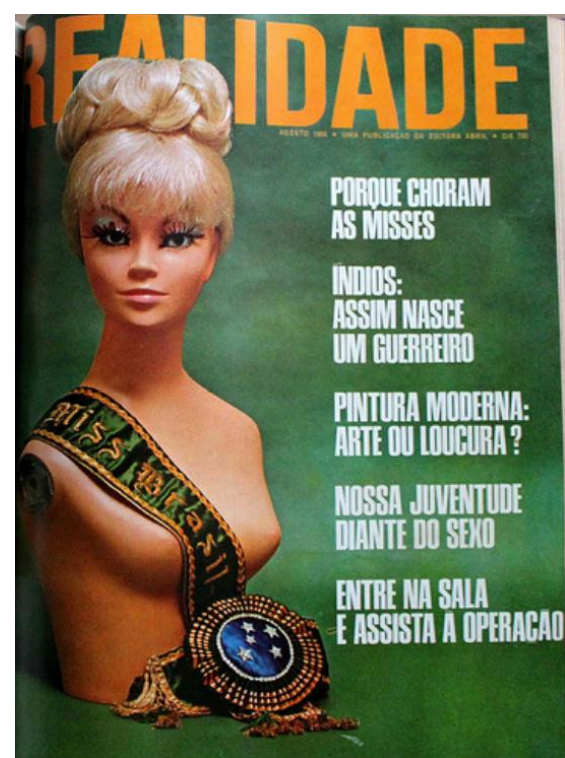
Revista número 10 - 1967
“Três histórias de desquite”



Revista número 8 - 1966
“Coronel não morre”



Revista número 54 - 1967
“Eu sou João, homem sem leitura”



Revista número 5 - 1966
“Pobre menina miss”

ANEXO II

CORONEL NÃO MORRE

CORONEL
NÃO MORRE

Realidade nº 8 – Novembro de 1966

JOSÉ HAMILTON RIBEIRO



ÀS SETE DA MANHÃ já o coronel está em seu gabinete – a varanda da casa. Como sempre, há várias pessoas ali à espera de ordem: um dos dois motoristas, alguns **cabras**, o **secretariado** da cozinha, os meninos de recado. Então o coronel começa a atender os que chegam.

Entra Maria das Flores, acompanhada de duas meninas. Vem para acertar contas:

– O movimento está bom, coronel. Já alistamos 1.500 só em Carpina. Estas duas moças também são eleitoras, uma tem 16, a outra 17 anos, mas nós aumentamos a idade...

– Aumentou as duas pra 18, foi?

– Foi.

– Oxente, Maria, tu feiz as duas irmã ficá gêmeas...

Da cerquinha da varanda, sem entrar, mostra-se um moreno baixo, cabelo cortado rente, os olhos piscando muito:

– Baú tá liso, coronel.

O coronel levanta-se, vai até o homem, passa-lhe umas notas de mil, manda-o caminhar e, antes de voltar para sua cadeira, explica:

– Com toda a cara de bobo, esse aí já matou um. Tirei ele da cadeia.

Entrando pela porta dos fundos, uma mulher muito bem-disposta surpreende o coronel.

– O que cumade, já está raspando a perna do defunto? Nem bem o homem chegou no céu, já vosmicê tá toda enfeitada outra vez?

A mulher engrola umas frases, mas vai logo ao principal. Precisa viajar para Recife e quer um dinheirinho. Fala das duas filhas que na próxima eleição já vão votar. O coronel corta a conversa, diz uma brincadeira qualquer para um dos presentes, chama Zefa, a cozinheira, para trazer mais um cafezinho e depois apanha a comadre pelo braço e vai conversar lá dentro.

Há bem umas 15 pessoas na varanda, mas continua chegando gente.

m off
em off em off

Não era fácil um jornalista ter acesso ao dia a dia de um coronel do Nordeste, principalmente se acompanhado de um fotógrafo.

A rotina de Chico Eráclio envolvia contato com jagunços, liberdade com os “eleitores” (inclusive mulheres), exposição de armas e até exercícios de tiro.

Foi preciso ação de “embaixadores” para que aceitasse. No fim, de certa maneira, achou que seria positivo para ele aparecer numa “grande revista do Sul”.

Guardou até o último dia uma dúvida que mostrava a relação que havia entre políticos (e poderosos em geral) e a imprensa dos grotões (situação que dura até hoje): ele teria de pagar pela reportagem?

Quando soube que não, que não precisaria pagar nada, aí ficou cabreiro, como se alguma coisa estivesse saindo do controle.

Depois que a revista saiu, andei recebendo uns recados meio esquisitos – que não vinham diretamente de Chico Eráclio –, mas nada que me levasse a pensar em fugir para o Paraguai.

Todo espalhafatoso, entra Paulo Louco. Vem dar notícias de um jumento que mandou trazer de Minas e que já está a caminho, viajando de navio:

– É animal para 900 contos, mas sua produção é garantida: só mulas de onze palmos.

Ajeitando a calça, que sempre ameaça cair quando ele está de pé – por causa do cinto fora das passadeiras –, reaparece o coronel. Dá com Paulo Louco e larga boas risadas. Deixa-o contar seus negócios extravagantes com mulas e jumentos, diverte-se um momento, mas logo se dá por satisfeito:

– Vai lá dentro, Paulo. Diz pra Zefa lhe arranjar di comê.

O moço obedece. O coronel, já outra vez acomodado na cadeira, reassume a iniciativa da conversa. Volta-se para um homem que estava a um canto sem dizer palavra, desde bem cedinho:

– Tonho, você está outra vez se enleando com um rabo de saia, num tá? Já andei sabendo disso. Deixa de molecagem, tu já é homem de ter vergonha. A cumade Maria veio queixá que você tá botando casa pra outra muié, e isso num se faiz. Vai pra casa conversar mais com a cumade Maria, e diz pra ela que tu vai largá da outra. E depois vem oceis dois

aqui pra jurá na minha frente que tu vai vivê como homi direito, de uma casa só. Dessa idade, e ainda não sabe fazer as coisas...

Tonho diz que sim com a cabeça, levanta e se vai.

Vindo de dentro de casa, aparece na varanda um rapaz de 20 anos, simpático, o cabelo bem penteado e ainda respingando. Falador, discute com o coronel sobre a hora em que veio dormir e garante que não bebeu nada. Nem cerveja. Pede autorização para que um dos motoristas o leve à cidade. Logo que o carro arranca, o coronel conta:

– Esse filho duma égua é meu filho. Agora está morando aqui, porque ele é bom pra eu ditar os boletins de política.

O nome do rapaz é Reginaldo, e o coronel acha divertido o fato de haver um outro seu filho que também se chama Reginaldo. Diz que não se intromete na escolha do nome que as mulheres queiram dar aos seus filhos naturais.

– Isso é problema delas, não interfiro. Mas também não desamparo nenhum.

Fala que não sabe exatamente – parece mais não querer revelar – o número de seus filhos naturais. Uns 20 ou 30.

– Todos homens. Filho meu, natural ou legítimo, só é homem. Mulher eu não tenho produção própria...

Afilhados, ele tem mais de dez mil, o que lhe rende um exército de compadres e comadres. Entre os filhos naturais, um é artista de rádio, outro foi famoso salteador em Pernambuco (agora faz parte do seu **gabinete**); o último tem apenas quatro meses de idade.

O CORONELISMO ACABOU MAS OS CORONÉIS CONTINUAM.

A conversa é interrompida por seu Severino. Ele vem dizer ao coronel que um caminhão – “aquele que o senhor ajudou a comprar” – sofreu um acidente e se estragou todo. Sim, dinheiro para o conserto, e como o caminhão é a única fonte de renda da família, estava ali para pedir um eixo cardã novo. Uma jovem bonita acompanha seu Severino, mas se mantém em segundo plano. O coronel quer detalhes. Pergunta se ninguém ficou machucado, quem teve a culpa do acidente, a conversa fica animada, o homem conta tudo, o coronel lamenta o que aconteceu, mas no fim se desculpa:

– É cumpadre, mas eu tô muito sem dinheiro, não dá pra li arranjar a peça.

Aí a moça entra em ação. Insinuante, toda promessas, chega bem pertinho do coronel. Repete a história, dramatizando bastante, dizendo-se nervosa e afirmando que tem certeza da ajuda. O coronel, a esta altura, é mais olhos do que ouvidos. Pede, por fim, que ela volte amanhã, para ele repensar no assunto. A moça diz que sim, acertam a hora, o pai e a filha se despedem. O coronel volta-se para os presentes com um riso maroto e pergunta:

– Quanto custa mesmo o diabo desse eixo?

Antes de chamar todo mundo que está na varanda para o almoço (há sempre comida para muita gente em casa), o coronel ordena a um dos empregados que reúna, às cinco horas, uma meia dúzia de **cabras** bons de tiro para fazer um **tiro ao alvo**. Recentemente ele operou uma das vistas e agora quer treinar a mira com a outra, para ver se ainda acerta. Quer também cortar o papo do Fernando – o filho natural que já foi assaltante – pois o menino anda

não se esquecer de mandar buscar o Zé Vigia – o mais famoso dos seus cabras – e se levanta em direção à copa, fazendo um movimento com a cabeça:

– Vam'bora cumê.

Uma fila obediente segue o gordo coronel Chico Heráclio.

Limoeiro é uma cidade do agreste pernambucano, a faixa entre a zona da mata, açucareira, e o sertão. Cortada pelo rio Capibaribe, que nesse ponto vive seco boa parte do ano. Limoeiro tem 30 mil habitantes, bons colégios, ruas quase todas calçadas, emissora de rádio, televisão nas casas e um comércio bem desenvolvido. Tudo isso, mais o fato de estar a pouco mais de 100 quilômetros de Recife, devia fazer de Limoeiro uma cidade naturalmente anticoronelista.

Mas é aqui, nesta cidade – “que parece adiantada, mas só lê 100 jornais por dia” –, de acordo com o amargurado jornaleiro, que o coronel Francisco Heráclito do Rego, ou simplesmente Chico Heráclio, como é mais conhecido, desenvolve ainda atividade impressionante. Ele está com 81 anos e há 60 sua vontade é lei, não só

ELE CONTROLA A PREFEITURA, A CÂMARA, A COOPERATIVA E ATÉ A POLÍCIA.

dizendo que joga uma laranja para cima e enche-a de bala antes que ela chegue ao chão. Diz para o empregado

O coronel em Limoeiro: *Realidade* nº 8, novembro de 1966.

em Limoeiro, mas em municípios vizinhos, onde também tem terras e votos. Seu raio de ação atinge 50 mil pessoas. Todas conhecem a força do coronel. E a respeitam. Através do tempo a riqueza da família de Heráclio só tem sido aumentada: é dona das melhores fazendas, da indústria nascente – principalmente da de tecidos de algodão e óleos vegetais –, do melhor gado. Isso significa força política, controle sobre a Prefeitura, a Câmara, a Cooperativa, e todos os cargos federais e estaduais da região, como a Polícia, por exemplo.

Pessoalmente, o coronel Chico Heráclio tem 13 fazendas e dois engenhos. A maior propriedade fica no sertão e tem quase 30 mil alqueires: a mais famosa, e melhor, é a da Varjadas, muito ligada à sua fama. Ele é o **Senhor das Varjadas**.

O coronel agora está almoçando. A mesa é simples, em atenção à sua dieta de homem cuidadoso com a saúde. Nada de muita gordura e coisa picante. Carne cozida, arroz, farinha, feijão-verde, queijo assado, cuscuz de milho, banana assada, e uma variedade de legumes cozidos: macaxera, je-

CORONEL (continuação)

A bondade é como o terrorismo: uma tática

Ben, atômico, o coronel volta à realidade. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

Um dia, porém, Antônio de Nogueira, ao Antônio Mourão, entra na varanda, com uma notícia que tira o coronel. Uma tal dona Maria, que mora para os lados de Foz de Iguaçu, vai fazer uma visita ao coronel em Limoeiro.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— A festa vai ser grande — diz o coronel. — A festa vai ser grande — diz o coronel. — A festa vai ser grande — diz o coronel.

— A festa vai ser grande — diz o coronel. — A festa vai ser grande — diz o coronel. — A festa vai ser grande — diz o coronel.

— A festa vai ser grande — diz o coronel. — A festa vai ser grande — diz o coronel. — A festa vai ser grande — diz o coronel.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

— Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada. Ocorreu alguma coisa com a família? Não, nada.

A POLÍTICA EM REALIDADE

rimum, cará, inhame, chuchu, batata-doce. Fruta caseira de sobremesa. E café. Bebida nunca. A mesa não é muito grande, mas geralmente almoçam mais de 20 pessoas, em vários turnos. Quem estiver na casa do coronel em hora de refeição só não come se não quiser.

Bem almoçado, o coronel volta à varanda. Outras pessoas e outros problemas o esperam. Nesta época, principalmente, sua atividade é bem maior: as eleições estão próximas e

vai fazer hoje um **samba** em homenagem a Djalma Tavares. Djalma, um produtor da Rádio Difusora de Limoeiro – estação que o coronel praticamente construiu – é hoje o adversário político mais incômodo para o Senhor das Varjadas. O nome de Djalma começou a ficar importante a partir do dia em que ele denunciou um crime de morte violento acontecido em Limoeiro. O crime envolvia a figura do juiz de Direito, que era amigo do coronel. Ao desafiar a força

da família Heráclio, Djalma ganhou fama e aproveitou-a candidatando-se a deputado estadual. Era um

CORONEL: “REVÓLVER, AUTOMÓVEL E MULHER...SÓ ZERO-KILÔMETRO.”

ele vai eleger, pela quinta vez, um filho deputado federal – Francisquinho. Casado três vezes, o coronel tem quatro filhos legítimos: o terceiro, José, prefere ser fazendeiro e o último tem só 13 anos. Nenhum é formado, o que para o coronel não é muito importante.

– Único diploma que dou para eles é o de deputado, e o José não tem porque não quer.

Um dos cabras, Antonio da Niquinha, ou Antonio Moleque, entra na varanda, com uma notícia que irrita o coronel. Uma tal dona Maria, que mora para os lados do Ponto Certo,

inimigo bastante inconveniente, que além de tudo tentava buscar votos no domínio direto do coronel, prejudicando a votação do Francisquinho.

– A festa vai ser grande – diz o cabra – pois dona Maria já matou um bacuri, três capões e um peru, e comprou bastante bebida. Até já contratou uma zabumba para a dança.

– Moleque – respondeu o coronel –, esteja aqui às seis horas que nós vamos dar um **pantim** nessa dona Maria. Ela vai aprender a fazer festa pra cabra safado.

Pantim é a tática terrorista que o coronel usa contra os adversários:

uma ameaça pesada, com fundo e possibilidade de verdade. Se a pessoa visada dobra-se só com o pantim, tudo certo. Se reage, a ação aparece – primeiro em palavras, depois em atos.

– Só mandar bater e matar é que eu não faço – garante o coronel.

Faz sim. Ele já pôs os cabras atrás de muita gente para deixar a cidade em dia ou morrer apanhando.

Faltam duas horas para o pantim de dona Maria. São quatro agora, hora de comer novamente. Enquanto o coronel ordena a Zefa que prepare a mesa, chegam os seus dois filhos deputados. Do portãozinho de entrada da varanda, pedem a **bênção**. Erguem a mão direita como se pudessem alcançar a mão do velho, e o saúdam. De sua cadeira ele responde vagamente com a cabeça, e só depois desse gesto eles entram. O maior respeito. Mesmo Herclino, já avô, não fuma na frente do pai. Nem bebe.

– Filho meu só é de maior quando eu morrer – explica o coronel.

Durante o lanche, a conversa é só eleições. Deve ser removido um praça de Limoeiro que anda com minhoca na cabeça. É preciso dar um aperto no prefeito de Cumaru

que anda meio mole. Comenta-se a volta da cédula individual, coisa muito boa, **mais fácil para o matuto votar**.

Depois do lanche, e antes do tiro ao alvo, o coronel dá um giro na cidade para uns expedientes. Vai à Prefeitura apanhar uns selos, – todas as taxas municipais de Limoeiro são cobradas através de um selo com a sua **efígie** –; passa na Cooperativa para ver um livro de anotações políticas (o diretor-presidente foi muito tempo seu **primeiro-ministro**); 'acerta detalhes com dona Isaura sobre alistamento de eleitores (ela é funcionária municipal, mas não precisa ir à Prefeitura; está **comissionada no gabinete** do coronel); finalmente abre crédito numa farmácia e num empório para um compadre que está em dificuldade. Em nenhum lugar o coronel desce do carro. Todos vêm até ele, que não conversa muito. Dá o recado que quer, e ordena ao motorista:

– S'imbora, Mané.

Cumprimenta pelo nome a maioria das pessoas, e só para para conversar se o sujeito é um **contra**. Desbocado e direto, não manda ninguém dizer – ele mesmo diz. As crianças o reconhecem no carro e gritam:

– Olha o coronel Chico.

A POLÍTICA EM REALIDADE

Ele responde:

– Sai pra lá, **simbute!**

Se vê por ali uma moça bonita, novinha, manda o motorista dar várias voltas no quarteirão:

– Revólver, automóvel e mulher, pra mim só zero-quilômetro.

Nas campanhas eleitorais a oposição explora bastante seus casos com moças, mas ele até gosta que falem disso.

Da cidade vai direto para o exercício de tiro. Fica contente com a pontaria e acha os cabras muito destreinados.

– É que hoje não precisam mais disso – diz.

– Não é isso, não – replica Fernando –, traz um rifle pro senhor ver.

E chega a hora do pantim. Com Antonio Moleque de cara amarrada, o coronel toca para a casa onde vai haver a festa para o candidato da oposição. Manda chamar dona Maria, e começa macio:

– Então, cumade, a festa vai ser boa, não vai? Vosmicê já fez muita despesa, não foi?

Dona Maria diz que sim, e cai na armadilha. O coronel destempera, junta gente, arma um caso:

– Quando é pra emprestar dinheiro, ou avalizar letra, é comigo que vocês vão, não é? Na hora do aperto, o

arrimo é lá em casa, não é? Pra depois fazê festa pra cabra safado, prum sujeito que quando entra numa casa tira o respeito da família, e faiz todo mundo ficá igual a ele, passando ruge e batom na cara, não é?

O destempero verbal prossegue, e, na beira do escândalo, vem o pantim:

– Olhe, cumade, vosmicê qué fazê festa, faiz. Mas se aquele cabra vier aqui eu mando um dos meus meninos acabar esse forró a tiro. Não é, Muleque?

O coronel vai embora, fica a interrogação: será que ele manda mesmo? Homem pra isso ele tem; coragem também. Enquanto se discute se o coronel manda ou não, sempre surge a voz do bom-senso dizendo que, por via das dúvidas, o melhor é avisar seu Djalma para não vir dessa vez, não convém arriscar. Desse momento em diante a festa esfria, perde o sentido. O desânimo chega a outras pessoas que também já estavam se organizando para dar reuniões com o homem da rádio.

– E eu mandava gente dar tiro nas festas. Mandava nada, é só pantim – fala o coronel.

– Já mandou muitas vezes – diz a oposição – e bem podia mandar mais uma.

Entre sete e oito o coronel vai dormir. Na rede, e de camisola. Sua casa de homem solteiro, onde há sempre estranhamente uma ou duas mocinhas, é grande, simples e mal-arrumada. Não tem geladeira, televisão ou vitrola; o próprio rádio está enguiçado. Mas com os carros o coronel é caprichoso. Atualmente tem uma perua, um Impala, um Chrisler, um Volks. E está com ideia de comprar um helicóptero – **se não for**

**“FILHO MEU
SÓ É DE MAIOR
QUANDO
EU MORRER.”**

muíto caro – para poder mais facilmente visitar o seu império de bois e de votos. Ele não conhece o Rio, nem São Paulo, nem mesmo João Pessoa. Certa vez um candidato a senador – para obter seu apoio eleitoral – ofereceu-lhe a suplência na chapa. O coronel foi eleito, mas jamais apareceu em Brasília.

– É muito longe, e o povo lá só vive de protocolo...

Não teve escola. Quando o pai matriculou-o no colégio, em Recife, houve uma epidemia e ele foi levado de volta para a fazenda, para nunca mais estudar. Exercitou, entretanto, a capacidade de dizer as coisas. E diz realmente o que quer – nas seções livres da imprensa ou em boletins – com bas-

tante clareza, na sua linguagem de matuto e num português bem livre. Suas poucas letras foram postas muitas vezes em causa, nas lutas políticas. Certo governador do Estado, militar, que além de compadre havia contado com seu apoio, desentendeu-se com ele e declarou aos jornais que ia pedir a

cassação do seu título de eleitor, por analfabetismo. O coronel não deixou por menos: em carta aberta ao Diário de Pernambuco contou certas

coisas do compadre e terminou assim: “Devo acrescentar que a minha pouca ilustração não chega ao ponto de deixar de avalizar letras e promissórias para muitos doutores, e até para marechais...”

– Fizeram-me prefeito em 1922 e nunca mais eu me livreí da política – lembra o coronel.

Nunca também perdeu eleição para a Prefeitura de sua cidade. E mesmo agora, quando dois municípios foram desmembrados de Limoeiro, ele mantém a hegemonia, elegendo dois prefeitos. A única vez que o eleitorado driblou-o foi nas eleições presidenciais de 1960. O coronel ficou com o general Lott, o povo votou em Jânio Quadros.

CRIMINOSO TEM HONRA, ASSASSINO NÃO PRESTA.

– Só mesmo aquele cabra arreitado pra me quebrar a invencibilidade – diz ele hoje, já sem mágoa.

Faz campanha o ano inteiro. Em agosto deste ano, entre Limoeiro, Carpina e municípios mais próximos, já tinha alistado quatro mil novos eleitores. Entre as despesas que paga para o novo eleitor – meia dúzia de retratos, um lanche, a passagem – está o registro de nascimento. Dona Isaura, do seu **gabinete**, conta que isso é comum por lá. A criança vai nascendo e só se registra quando chega a hora de votar. Um pelo outro, cada título fica em quatro mil cruzeiros. E o coronel já tinha desembolsado com eles, até agosto, para a próxima eleição, 16 milhões. Fora outros favores, pois distribui máquinas de costura, monta loja para um, bomba de gasolina para outro, empresta vaca com cria para se usar o leite, arranja mula para quem está precisando de montaria, dá casa de graça para morar. E se gaba de nunca ter cobrado juros do dinheiro que empresta. Mas capitaliza tudo, e não só politicamente. Muita pequena propriedade ele adquiriu por bom preço, estando aten-

to à menor dificuldade do matuto proprietário que estivesse **pendurado** com ele. Chegou algumas vezes a promover essa dificuldade, para depois **salvar** o matuto com a compra da terra.

Sua proteção aos perseguidos pela Polícia é famosa. Recebe cartas de vários lugares, até de autoridades, com pedidos para esconder e defender criminosos. Quando aparece alguém com esse problema, ele quer saber do caso com detalhes, implicações, consequências. Convencido que o homem é apenas um **criminoso**, e não um **assassino**, manda-o para uma das fazendas, enquanto um advogado, por sua conta, cuida do caso. Para ele a diferença entre criminoso e assassino é fundamental:

– Criminoso mata numa briga, por questões de honra ou em legítima defesa, onde também podia ter morrido. Assassino mata por perversidade ou para roubar. Esse não presta.

Acompanha o processo até a absolvição. Diz que não tem importância se o juiz é ou não seu amigo:

– Meu negócio é com as testemunhas e os jurados. O juiz sendo honesto já está bom.

Geralmente, cada homem que ele protege de perseguição da Polícia torna-se um amigo reconhecido – um cabra.

Mas, mesmo sem ter tido problema com a Polícia, há uma porção de gente vivendo em redor do coronel, ou por não encontrar emprego, ou por gostar mesmo daquele ambiente que, afinal, sempre rende alguma coisa.

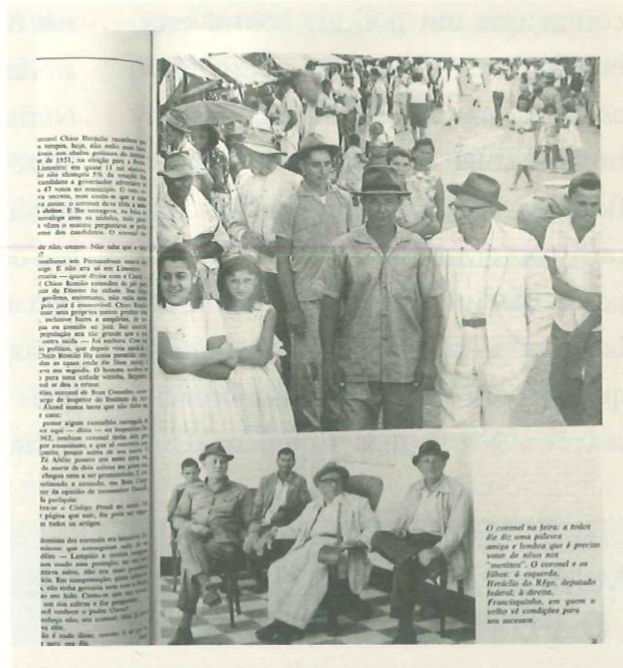
Zé Vigia, hoje tocando a fazendinha que o coronel lhe deu de presente, foi o mais famoso cabra de Chico Heráclio. Uma vez se ofereceu para atirar num governador, que estava **apertando muito** o seu padrinho. Zé Vigia não senta na frente do coronel. Considera isso grande desrespeito. O velho tem orgulho dele, gosta de contar suas bravuras. E quando alguém pergunta:

– Mas, coronel, o Zé Vigia, assim tão simpático e tão manso, tem mesmo coragem de atirar num homem?

– Coragem, não, menino. Tem é costume...

A frase é mais de piada do que de verdade, corrige o coronel:

– Aqui nunca se matou ninguém.



O coronel e o filho deputado, em *Realidade* nº 8, novembro de 1966.

Em Limoeiro, ninguém é neutro diante da figura do coronel. Ou é seu beato – nome daqueles que o seguem – ou o odeia, e neste caso o mais prudente é não tocar no assunto. O coronel é impiedoso com os adversários e seu maior prazer é desmoralizá-los junto ao eleitorado. Para isso usa boletins, assinados a maioria, anônimos outros.

– Aqueles que eu não tenho certeza, não ponho o nome – diz ele.

A linguagem dos boletins é a mais direta possível, alguns com acusações e ofensas violentíssimas. O coronel paga bom dinheiro para quem vai

A POLÍTICA EM REALIDADE

contar que um político contra está envolvido com uma das coisas para as quais tem verdadeira fixação: ser homossexual, marido traído, ou deflorador. E, se ninguém aparece com um caso desse tipo, cria o boato. A partir daí inicia uma enxurrada de boletins, a cada dia mais violentos, que expõem o adversário às piores situações. Não poupa ninguém. Um

sua figura a imagem do padre Cícero, ainda muito venerado na região. Numa mensagem do além, o Santo de Juazeiro aparece recomendando os candidatos do coronel e lançando sobre os adversários as piores ameaças: “Quando chegar na porta esses camaradas, para você votar no partido deles, pode bater a porta porque é Lúcifer. Alistando ou votando neles, desse dia

em diante entra a infelicidade na tua casa, entra a praga, a miséria, a peste bubônica, a bexiga lisa, o mau vizinho, e até mesmo

SE O ELEITOR PEDIA PRA VER EM QUEM IA VOTAR, OUVIA: **NÃO SABE QUE O VOTO É SECRETO?**

seu sobrinho, industrial, em certa época liderou a oposição em Limoeiro. O coronel, em boletim, chegou a dizer que aquele sobrinho havia nascido num período em que o pai, viajando a negócio, tinha ficado dois anos fora de casa. Quando da campanha de Arrais, que o coronel apoiou, uma parcela do clero pernambucano fez restrições ao candidato, através de pregação na igreja. Ele arranhou – e contou em boletim – defloramento para todos os padres que contra-indicaram seu candidato nos municípios onde tinha influência política.

Usa o boletim também em seu favor, encomendando-os a trovadores e poetas de feira. E não raro faz ligar à

a ferida boba”.

Em tempo de campanha, a oposição, devidamente despersonalizada num comitê de candidatura, faz também seus boletins atacando o coronel. Então conta os seus inúmeros casos com mocinhas, fala de sua violência e despotismo e ironiza os seus excessos de velho. Como neste trecho de um longo ABC: “No tempo que Agame-non/era governador do Estado/Só se ouvia o som/de sua voz estouvado/Ja-mais irei às Varjadas/continuando o assunto/porque em cada passada/eu pisarei num defunto”.

O coronel Chico Heráclio reconhece que os tempos, hoje, não

estão mais favoráveis aos chefes políticos do interior. Lembra-se de 1951, na eleição para a Prefeitura de Limoeiro, em quase 11 mil eleitores a oposição não alcançou 5% da votação. Em 1952, o candidato a governador adversário só conseguiu 47 votos no município. O voto, então, já era secreto, mas conta-se que a coisa já funcionava assim: o coronel dava toda a assistência ao eleitor. E lhe entregava, na boca da urna, o envelope com as cédulas, tudo prontinho. Às vezes o matuto perguntava se podia ver o nome dos candidatos. O coronel respondia:

– Pode, não, oxente. Não sabe que o voto é secreto?

O coronelismo em Pernambuco estava então no seu auge. E não era só em Limoeiro.

Em Serraria – quase divisa com o Ceará – o coronel Chico Romão entendeu de pôr para fora o Juiz de Direito da cidade. Sua força junto ao Governo, no entanto, não valia muito no caso, pois juiz é inamovível. Chico Romão resolveu usar seus próprios meios: proibiu toda a cidade, inclusive bares e empórios, de fornecer água ou comida ao juiz. Seu controle sobre a população era tão grande que o juiz não teve outra saí-

da – foi embora. Com um adversário político, que depois viria matá-lo a tiros, Chico Romão fez coisa parecida: comprava todas as casas onde ele fosse morar, e o despejava em seguida. O homem acabou se mudando para uma cidade vizinha, Salgueiro, onde afinal se deu o crime.

Zé Abílio, coronel de Bom Conselho, conseguiu o cargo de inspetor do Instituto do Açúcar e do Alcool numa terra que não tinha um só pé de cana:

– Se passar algum caminhão carregado de açúcar por aqui – dizia –, eu inspeciono ele.

Até 1962, nenhum coronel tinha sido processado por assassinato, o que ocorreria com Chico Romão, pouco antes de sua morte. O próprio Zé Abílio passou um susto certa vez, acusado da morte de dois cabras em plena rua, mas não chegou nem a ser pronunciado. E continuou batizando e casando, em Bom Conselho, apesar da opinião do monsenhor Damásio, vigário da paróquia:

– Abre-se o Código Penal ao acaso. Em qualquer página que cair, ele pode ser enquadrado em todos os artigos.

O domínio dos coronéis era intocável. Criminoso que conseguisse asilo de um deles – Lampião e

A POLÍTICA EM REALIDADE

muitos cangaceiros haviam usado essa proteção, no seu tempo – estava salvo, não era mais procurado pela Polícia. Em compensação, quem caísse em desgraça não tinha garantia nem com a Polícia inteira ao seu lado. Conta-se que um coronel chamou um dos cabras e lhe perguntou:

– Você conhece o padre Olavo?

– Conheço, não, seu coronel. Mas já estou com raiva dele.

– Não é nada disso, oxente: é só pra levar este peru para ele.

– Nesse tempo – diz o coronel Chico Heráclio – eu casava, batizava e aí existia união em Limoeiro, e todos viviam bem.

Ele se gaba de nunca ter deixado uma comissão fiscal, do Estado ou da União, mexer nos livros dos comerciantes da cidade. Em 1953 apareceu uma comissão da Secretaria da Fazenda. Foram avisar o coronel e ele, encontrando os fiscais no hotel, quando começavam a jantar, deu-lhes 24 minutos – em vez de 24 horas – para saírem da cidade. Como um deles pedisse que ao menos os deixasse comer, pois já haviam pago a diária, o coronel apanhou dinheiro do bolso e colocou na mesa para que não tivessem prejuízo. Só que a janta tinha de ser noutra município.

Segundo jornais da época, Chico Heráclio foi um dos homens mais fortes de seu partido em Pernambuco. Um vereador de Goitá, cidade em que o coronel também agia, escreveu um ABC inteiro para dar notícia de seu prestígio: “O coronel vai eleger/o governo do Estado/Também uns 20 prefeitos/e mais 12 deputados/sendo dois federais/e os outros dez do Estado”.

Chegou-se a propor, nesse tempo – e houve até reuniões preliminares –, a formação de um **pacto de coronéis** pernambucanos para escolha de um candidato da área de domínio de cada um. Seria uma reedição do famoso **Um por todos, todos por um** que os coronéis do Ceará, inspirados pelo padre Cícero de Juazeiro, haviam firmado em 1911.

– Mas aí veio aquele governador amarelo – diz Chico Heráclio – e então eu cumi fogo.

Refere-se a Etelvino Lins, a quem havia dado grande votação em Limoeiro. Os dois se desentenderam e o governador passou a apoiar o maior adversário do coronel em toda sua zona de influência. Depois, substituiu todos os funcionários estaduais – da Polícia às coletorias – que tradicionalmente eram indicados ou re-

**“NUMA ELEIÇÃO MANDARAM 200 SOLDADOS.
MAS EU TINHA MAIS CABRAS DO QUE ISSO.”**

movidos pelo coronel. E nomeou delegados e praças com orientação de pisar no calo do Senhor das Varjadas e de sua gente. Para Limoeiro, foi nomeado como delegado um oficial da Polícia, coronel Higino, que tinha atuado nas volantes contra Lampião.

– O tratamento que eles me davam – diz o coronel Chico – era o mesmo dos cangaceiros. Cercavam minha casa, desfizeram comícios e até planejaram minha morte. Mas eu não amoleci. Numa eleição mandaram para cá 200 soldados, mas eu tinha mais cabras do que isso.

Etelvino Lins ficou apenas dois anos no governo. Substituiu-o o general Cordeiro de Farias e a paz voltou aos domínios do velho chefe. Sob o governo de Cid Sampaio, a coisa não andou boa para o coronel, até que chegou a campanha de Arrais. Como a maioria dos coronéis, Chico Heráclio apoiou, por obediência partidária, o candidato da esquerda. Durante a campanha o coronel gritava:

– Potoca esse negócio de que o dr. Miguel Arrais é comunista. Em Pernambuco basta um homem ser de

bem, preocupar-se com os pobres, para ser chamado de comunista.

Eleito Arrais, o coronel viu-se novamente de cima. Mas por pouco tempo. Logo que a movimentação dos camponeses por reforma agrária, salário mínimo, férias, estabilidade começou a beirar seus domínios, o coronel virou uma fera. E ficou mais irritado ainda quando se certificou que o governo, dessa vez, não estaria do seu lado. Partiu violentamente para os boletins – “essa liga camponesa é a vergonha do Brasil” – e dispôs-se a tudo, como nos seus melhores tempos. Mas o pesadelo passou. Com a revolução subiu ao governo um seu amigo, vizinho de fazendas e velho companheiro de lutas políticas, o governador Paulo Guerra. Hoje o coronel entra no Palácio do Governo a qualquer hora, sem avisar. E quanto ao futuro governador – Nilo Coelho – deposita nele as maiores esperanças, pois, além de terem pertencido ao mesmo partido, Nilo é filho de um grande coronel do sertão, o coronel Quelê.

Mas, mesmo com tudo isso, Chico Heráclio sentiu perder um pouco o pé. Nesse meio-tempo, veio a adoção do retrato no título de eleitor, que acabou com o “eleitor mais barato e mais obediente, o defunto”, como dizia o coronel Zé Abílio. E Limoeiro perdeu, entre as eleições de 1955 e de 1960, 2.500 eleitores. Para Chico Heráclio foi um desastre. Ele, que sempre garantia a eleição de três deputados estaduais em sua área, teve uma surpresa: dos três indicados, um não foi eleito por 200 votos.

– E sabe logo quem? – pergunta o coronel. – Logo o Francisquinho, meu filho. Isso não podia ficar assim, e o recurso foi comprar o resultado das urnas impugnadas. O menino acabou tendo voto até no Alto São Francisco. Agora estou mais cuidadoso, só mando votar é nos meninos mesmo...

Nenhum coronel deixa sucessor – afirma Marcos Villaça, filho do ex-**primeiro-ministro** do coronel Chico Heráclio e autor de um livro importante sobre o coronelismo em Pernambuco.

Mas o velho Senhor das Varjadas acredita que seu filho Francisquinho, o deputado estadual, reúne muitas condições para sucedê-lo no posto;

“quando padre Cícero me chamar”. Os estudiosos do problema, porém, acham que o tempo dos coronéis já passou, ainda que dois de seus pilares ainda estejam de pé – o latifúndio e as relações servis de trabalho. O poder original de um coronel, depois de sua morte, reparte-se entre vários pequenos líderes e nenhum deles – por não haver mais aquele isolamento de uma estrutura fechada – consegue a hegemonia total sobre os outros.

Nada disso preocupa o deputado Francisquinho Heráclio. Por via das dúvidas, ele mora na Fazenda das Varjadas, onde seu pai começou. Algumas das suas façanhas já estão ficando conhecidas. Como esta: em março deste ano corria animado o baile no clube de Limoeiro. Um dos filhos do Francisquinho dança com a namorada. Lá pelas duas da madrugada, um gaiato resolve perturbar o romance e dirige uma gracinha à pequena. A reação é instantânea; o rapaz vai de bofetão sobre o engraçadinho, que topa a briga. Vem mais gente, arma-se o rolo, acaba o baile. Os soldados de plantão no clube põem panos quentes, mas o delegado e o sargento, postos em brio, querem mostrar independência e levam preso o filho do deputado. Vão acordar

Francisquinho em Varjadas e ele chega à delegacia às quatro horas. Vai direto ao delegado:

– Escuta, cabra, você tocou no menino?

– Não, isso eu garanto.

– Então escapou de morrer. Agora manda abrir a cela.

– Já dei ordem para os praças soltarem-no às cinco horas. É só esperar um pouquinho.

– Eu disse agora, capitão. Já!

– O delegado não discute. Chama um praça e ordena:

– Solta o moço.

– Eu não disse – grita o deputado – para soltar o meu filho. Eu disse para abrir a cela, e isso significa: soltar todo mundo...

Abre-se a prisão. Todos os presos são libertados. No dia seguinte, o delegado e seu sargento são recolhidos para Recife: 30 dias de cadeia cada um.

Quando contam o caso, o sorriso de Francisquinho faz lembrar o pai.

Chico Heráclio pode até não ser o último dos coronéis do Nordeste.

TRÊS HISTÓRIAS DE DESQUITE

REALIDADE nº 10 – Janeiro de 1967

JOSÉ CARLOS MARÃO



1ª HISTÓRIA

ELISA MONTEIRO é uma moça de 34 anos, que mora com os pais numa cidade do Estado de São Paulo. Todo o seu drama está num diário. É desquitada há seis anos, não teve filhos e tem poucos amigos. Elisa se considera muito infeliz.

NOS seis anos após o desquite, Elisa morou sempre com os pais. Já pensou em sair de casa e viver sozinha. Mas depende economicamente deles. É funcionária e ganha pouco. O marido abandonou-a e vive hoje com outra.

Elisa não faz o mesmo por pressão da família. Mas principalmente por algumas coisas que vai contar:

“Este é meu diário. Nele eu sempre escrevi, para mim mesma, aquilo que nunca tive coragem de dizer a ninguém. Espero que a publicação de algumas coisas seja útil. Mesmo que não me ajude, que ajude outras pessoas, no futuro.

Agosto – Será que nunca um homem vai olhar com respeito para uma mulher desquitada? Hoje o T. me convidou para jantar. Eu aceitei e perguntei se dona M., a esposa dele, estava prevenida. Ele respondeu que nós íamos jantar fora, que nesses jantares assim esposa não entra e os filhos não ficam sabendo. E disse que tinha um bom programa para depois do jantar.

Eu fui chorar no banheiro.

Janeiro – Hoje sofri muito. Primeiro de ansiedade e vontade de encontrar N. amanhã. E, em segundo lugar, porque já me viram na rua com o rapaz. Dona F. veio aqui em casa hoje e perguntou, como quem não quer nada, para a mamãe: ‘Tem algum parente da senhora na cidade, dona Antonia?’ E aí explicou: ‘É que eu vi a Elisa ontem junto com um moço muito bonito, sabe?’

A MULHER EM REALIDADE

Não tinha contado nada à mamãe. Ela não admite que eu saia com ninguém. Quando cheguei do serviço, brigou comigo.

Amanhã eu saio com o N., de qualquer maneira.

Janeiro – Foi horrível.

N. levou-me de automóvel até São Paulo. Jantamos, num restaurante bonito e foi delicioso conversar com ele. Depois, levou-me a uma boate. Lá também estava muito gostoso. Estava feliz.

Depois da boate, ele me levou até uma casa bonita. Queria que eu descesse do carro. Aí percebi. Nós discutimos. Ele disse que se estava saindo comigo era para isso mesmo. ('Ou você pensa que é moça donzela e eu vou casar com você?') Por fim ele me trouxe de volta, correndo muito pela estrada. Quando chegamos, já era tarde, meu pai estava esperando a gente na esquina. Foi um escândalo.

Ele disse que era desquitado só para se aproximar de mim. Era tudo mentira. Nunca mais quero vê-lo.

Fevereiro – C.L. hoje foi um pouco inconveniente. Está tentando se aproximar muito. Mas continua fazendo declarações. Eu acredito.

Março – Faz tempo que C.L. não aparece. Será que ele não quer mais

nada? Amanhã mesmo vou procurá-lo. Afinal, ele me prometeu muitas coisas. Se não está mais interessado, devia avisar. Não pode me deixar assim, esperando seus telefonemas.

Março – Fui procurar o C.L. no próprio consultório. Ele demorou para me atender. A enfermeira disse que ele estava muito ocupado. Mas eu queria esclarecer tudo. Saber se ele queria continuar comigo ou não. Enfim, tirar da cabeça uma coisa que me preocupava. Aproveitei um momento em que a porta estava entreaberta e disse: 'C.L., eu preciso muito falar com você'. E ele respondeu: 'Sei muito bem do que você precisa. Mas você não quer aceitar esse remédio'.

Estou chocada até agora. Faço o possível para me acalmar, mas não consigo. Minha mãe acha que a culpa de tudo é minha.

Março – Acho que estou me acostumando com a vida de mulher desquitada. Os rapazes do ginásio, que me olham como se eu fosse uma prostituta, e às vezes me ofendem com palavras feias, já não me irritam mais.

Março – Eu sei que o povo fala de mim, mas a minha consciência está limpa. Hoje, saio do trabalho junto com minha amiga, desquitada como

eu. Ela também tem a consciência limpa. Mas nós duas escutamos, com muita clareza, quando dois rapazes que passaram por nós disseram: 'Olha as duas biscatonas da cidade'.

Abril – Sei que muitas desquitadas casaram-se de novo. Também quero casar de novo. Será que minha mãe vai deixar?

Abril – Ansiedade. Solidão.

Acho que estou doente. Estou sentindo tonturas. É uma dor que não localizo. Mas não quero ir ao médico.

Abril – Hoje eu me senti mal na repartição. Não me lembro como foi, devo ter desmaiado. Sei que fui socorrida por um rapaz desconhecido que estava lá, chamado Olavo. Ele me trouxe de carro até em casa.

Abril – O Olavo não sabe que eu sou desquitada. E não vou contar. Meu Deus, como achar uma pessoa que não ligue para falatórios? Uma pessoa que aceite uma mulher desquitada.

Eu só quero receber as atenções e carinho que todas têm direito de receber.

Abril – Saímos. Foi maravilhoso. Mas durou só uma hora. Eu tinha que chegar cedo. Será que eu achei uma pessoa que me aceita?

Abril – O Olavo me telefonou logo cedo. Fiquei satisfeítíssima com sua atenção e delicadeza. Há muito tem-

É difícil imaginar, nos dias de hoje, as três situações relatadas nesta reportagem. Mas era o caso geral da mulher desquitada no Brasil: opressão e discriminação, com alguns poucos casos bem-sucedidos de um segundo casamento. As três personagens foram escolhidas depois de uma ampla pesquisa encartada em edições anteriores da revista. Entre alguns dados essenciais, havia, no cartão-resposta da pesquisa, um espaço para que cada uma contasse, resumidamente, sua situação. Apareceram casos de mulheres que queriam um segundo relacionamento, mas não conseguiam, por discriminação. Outras que não queriam um segundo relacionamento, para não "manchar" a vida e prejudicar os filhos. Por fim, uma terceira situação, a das que tinham um segundo casamento, aparecia também com menor frequência. Entre milhares de respostas, foram escolhidas essas três, por representarem, de certa forma, a situação geral. Fui procurar essas três, para longas entrevistas. Os nomes foram trocados, claro.

po que ninguém me tratava assim. Ele é advogado e trabalha para uma firma da cidade.

Abril – Eu não me importo mais com as discussões da minha mãe. Es-

A MULHER EM REALIDADE

tou apaixonada. Acho que ele está também. Hoje saímos de novo. Não fizemos nada de especial. Só demos uma volta. Mas só de me sentir querida foi o suficiente. Cheguei em casa e ouvi as repreensões de costume da minha mãe, porque eram oito e meia, e eu tinha saído do serviço às seis e meia.

Abril – O namoro está ficando firme. Olavo quer conhecer meus pais.

Falei com a mamãe que vou trazer um colega meu aqui, sábado. Parece que ela gostou da ideia.

**QUERIA DESCER DO CARRO
E VOLTAR DE ÔNIBUS.
MAS ELE ME TROUXE ATÉ EM CASA,
SEM FALAR UMA PALAVRA.**

Ele ainda não sabe que sou desquitada. Só vou contar depois que tiver certeza que ele gosta de mim. Estou contente.

Maio – Amanhã Olavo vem aqui em casa. Minha mãe já está perguntando se é colega mesmo ou se é “algum galho”. Gritei que também tenho o direito de namorar, procurar companhia e casar de novo. Aí ela ficou quieta.

Eu passei por cima da pergunta dela. Estou ansiosa para sair mais uma vez com o Olavo. Amanhã ele vem aqui, entra, toma um café, e depois

nós vamos passear, como sempre. Ainda tenho algumas dores e tonturas. Será que eu serei feliz desta vez?

Maio – Minha vida está arruinada. Eu sou uma infeliz.

Meu Deus, que crime comete uma mulher ao se desquitar?

Hoje, acho que detestei minha mãe. Foi só o Olavo entrar, ela começou a perguntar: ‘O que é que o senhor quer com a minha filha?’ No fim acabou contando que eu era desquitada. Fiquei contrariada, mas acabei

achando que um dia ele teria de saber mesmo.

Saímos. Ele era outro homem. Seu comportamento tinha mudado de uma vez.

Fomos jantar num lugar escuro, onde ele nunca tinha me levado antes. Depois do jantar, no carro, vieram as propostas, que eu já estava temendo. Resisti. Ele me xingou. Disse que eu já não era mais moça, para que resistir? E falou também que, se eu pensava que ele ia casar com uma mulher desquitada, estava muito enganada.

Queria descer do carro e voltar de ônibus. Mas ele me trouxe até em casa, sem falar uma palavra.

Minhas dores e tontura voltaram.

Junho – Acho que estou muito doente. Quase não consigo trabalhar

mais. Marquei consulta no médico para amanhã.

Junho – O doutor Pena me conhece há muito tempo. É amigo da família. Examinou-me hoje e receitou muitos remédios. Li as bulas e estou preocupada. Ele não me disse o que eu tenho. Amanhã eu vou voltar lá para perguntar que doença é essa que precisa de tantos remédios.

Junho – Acho que não foi desrespeito do doutor. Afinal é nosso amigo. Mas o que ele disse me assustou e irritou. Ele teve de me dar um calmante. Quando perguntei o que eu tinha, respondeu: ‘Dona Elisa, a senhora, na verdade, não tem nada. Mas já faz muito tempo que está separada do marido. Isto pode ter consequências físicas também. A senhora me entende?’

Quando eu já estava saindo, ele ainda disse: ‘Largue brasa, dona Elisa!’

Julho – Eu já perdi qualquer esperança de ser feliz. Perdi a fé em todos os homens. Sei que eles só querem se aproveitar de mim.

Não tem importância. Estou pensando em arrumar um amante. Um homem casado que anda me fazendo galanteios. Talvez eu possa até gostar dele. Pelo menos, será o remédio que o médico recomendou. Certamente viria encontrar comigo depois

do serviço. Ficaríamos juntos por uma meia hora, cada vez. Talvez no escritório dele. Ou em algum apartamento fora da cidade. Depois da meia hora, ele iria para casa, diria à esposa que trabalhou muito e estava cansado. Eu iria para a minha, ouvir minha mãe dizer que estão falando muito mal de mim.

Não, não! Assim eu não quero! Meu Deus, até quando eu terei de viver sozinha?’”

2ª HISTÓRIA

DONA DAGMAR MARTINS, de 42 anos, mora no Rio de Janeiro, com sua filha de 19 anos e sua mãe. Trabalha para sustentar as duas. Está desquitada há seis anos. O marido não ajuda com nada. Dona Dagmar vive só para a filha.

Dagmarzinha tinha 17 anos no dia em que entrou em casa, correndo e chorando, sem querer dizer a ninguém o que tinha acontecido. Dona Dagmar, desquitada havia algum tempo já, muito carinhosa com a filha, foi saber o que acontecera. A menina respondeu que tinha brigado com o namorado. Para dona Dagmar foi um alívio. Se era só isso, podia chorar.

AS MULHERES ME VIAM COMO UMA INIMIGA QUE PODIA TOMAR O MARIDO DELAS.

Mas a menina continuou chorando. E, por fim, acabou contando à mãe a causa da briga e do choro. O rapaz, numa discussãozinha, dissera:

– Ah, sua mãe é desquitada, e filha de peixe peixinho é.

Para mãe e filha aquilo era muito triste, as duas choraram juntas. Mas não era a primeira, nem seria a única vez, que cometiam injustiças com dona Dagmar.

Dona Dagmar, na época do desquite, morava num bairro do Rio de Janeiro. Tinha muitos amigos e todos concordavam que o comportamento de seu marido não era dos melhores. Até achavam que ela devia largá-lo. Mas, quando isso aconteceu, todo mundo mudou de opinião.

– Eu passei a ser olhada pelas mulheres como um espécime diferente. Acho que elas me consideravam uma inimiga, que a qualquer momento pode tomar os maridos horríveis que elas têm.

Dona Dagmar é secretária e ganha cerca de 600 mil cruzeiros. Tem 20 anos de serviço na mesma empresa. Mudou do bairro onde morava, quando era casada, para um aparta-

mento que comprou com muita dificuldade. Está desquitada há seis anos.

– Acho que já me acostumei.

No começo foi muito difícil. Eu sempre achei, enquanto casada, que estava preparada para viver sozinha. Mas, por mais que a gente ache que está preparada, não está. O choque da separação é muito grande. Meu marido não dormia em casa. E também nunca dava um tostão para as despesas. O comum era o contrário: levava dinheiro meu, para jogar. Eu pensei muito, todos falavam mal do desquite, mas quando não suportei mais precisei legalizar a separação.

Dona Dagmar teve dificuldades econômicas, logo que se desquitou. A menina estudava em colégio caro. Havia a prestação do apartamento. Ela começou a trabalhar mais, fazia horas extras no seu emprego e auxiliava na contabilidade de uma pequena indústria. Mas esses trabalhos nem sempre foram bem interpretados pela vizinhança.

– Um dia, um colega me trouxe de carro. Eram oito e meia da noite. No dia seguinte, o bairro inteiro queria saber quem era o senhor que tinha me trazido. Como ninguém acreditava que fosse um colega de serviço,

que simplesmente me trouxera por já ser tarde, cada um tratou de inventar sua própria história.

Muitas vezes em que dona Dagmar trabalhou até tarde, voltou no automóvel de algum colega. Os falatórios continuavam.

– Felizmente, eu tinha algumas amigas que compreendiam. Tinha também minha filha e minha mãe. Elas sempre me ajudaram muito. Mas era difícil, mesmo assim, suportar quando minha mãe vinha dizer o que lhe falavam as vizinhas. Era assim: “A Dagmar trabalhou até mais tarde ontem, não é?” “Ah, sabe, dona Amélia, eu vi sua filha com um homem, ontem.” No meu trabalho todos sempre me respeitaram.

Não tinha problemas. Mesmo quando me desquitei. Nunca na minha vida tinha sido tão agradada como então. Eu achei que fosse compreensão, que todos estavam sentindo tanto quanto eu o meu problema. A minha primeira estranheza foi quando percebi que só os homens eram compreensivos. As mulheres continuavam iguais. Toda hora alguém vinha me presentear com um bombom, uma bala ou qualquer coisa assim. Convidados para cafezinhos, então, nem se

fala. E todo mundo sempre muito atencioso, muito gentil. Até que começaram a vir os convites para jantar. Eu sempre achei que os convites eram para algo mais do que jantar e conversar. Mas naquela época comecei a refletir e a me perguntar se eu não estava sendo injusta. Talvez os convites fossem mesmo só para jantar e conversar, trocar ideias. Nem todos os convites, é claro. O seu Antonio, que sempre me respeitou muito, começou a insistir em conversar comigo. Disse que tinha problemas semelhantes ao meu. E coisas assim. Pensando naquilo da injustiça, depois de adiar um pouco, resolvi aceitar seu convite para jantar.

DEPOIS DE QUATRO ANOS DE DESQUITADA, DONA DAGMAR TAMBÉM COMEÇOU A SOFRER DE SOLIDÃO.

Dona Dagmar saiu com seu Antonio. Passearam, jantaram e conversaram bastante. Dona Dagmar já tinha quase certeza de que era injusta, julgando mal os convites. Mas depois do jantar veio a pergunta:

– Você, moça e bonita, como pode viver assim, tão sozinha?

– Eu vivo bem assim. E tenho minha filha para cuidar.

O SEU ANTONIO, QUE SEMPRE ME RESPEITOU MUITO, COMEÇOU A INSISTIR EM CONVERSAR COMIGO.

– Eu sei, mas ficar só é horrível. Eu também tenho problemas, minha mulher não me compreende. Verdade que eu não posso largar dela, mas preciso de alguém fora de casa, que preencha este vazio. Dona Dagmar desconversou. Fez de conta que não entendeu nada do que ele queria e foi embora. Certa, então, de que não era injusta com ninguém.

Depois de quatro anos de desquitada, dona Dagmar também começou a sofrer sua solidão. Por essa época, encontrou Pedro, um amigo que tinha trabalhado com ela, na mesma firma, tempos atrás. Estava apaixonado por uma moça também conhecida dela, e tinha acabado de romper o namoro.

Usou dona Dagmar como confidente e os dois começaram a sair juntos. Pedro nunca mostrou nenhum sentimento, a não ser amizade, por quem ouvia seus problemas. Com o tempo, ele começou a tornar-se também confidente de Dagmar. E ela percebeu que estava gostando dele.

– Mas eu tenho um problema muito sério comigo. É minha filha. O

meu comportamento tem de ser perfeito, para que ela tenha bons exemplos. Eu nunca poderia viver com outro homem se não pudesse casar com ele legalmente. Mas, no Brasil, isto é impossível. Se houvesse a possibilidade de um segundo casamento legal, eu já teria me casado. Pois com esse tipo de casamento eu não prejudicaria a formação de minha filha.

Num dos encontros com Pedro, Dagmar disse-lhe que não poderia mais vê-lo. Seu interesse estava aumentando. Explicou a Pedro que seu destino era mesmo cuidar de Dagmarzinha, sempre (ela está estudando química industrial e tem um noivo). Precisava cuidar da casa, levar uma vida simples, e não passear, se divertir. Muito menos gostar de um homem: não tinha esse direito. E explicou por fim:

– Não quero, nunca mais, que alguém repita para Dagmarzinha: “Filha de peixe peixinho é”.

3ª HISTÓRIA

EMÍLIA LOPES RODRIGUES é de São Paulo. Tem um filho e uma filha. Desquitou-se em 1958. Em 1963, casou-

-se outra vez, no exterior, com um antigo colega. O marido gosta dela e de seus filhos. Emília é feliz.

– Foi bem no dia do aniversário do Oscar. Eu confesso que estava com um pouco de medo de conhecer a família dele. Medo da reação. Tanto assim que ele deixou para eu escolher: ou vamos comer bolo lá em casa ou vamos jantar fora. Eu preferiria jantar fora, por timidez. Mas escolhi ir à casa dele. Eu sabia que o Oscar gosta de passar o aniversário com a mãe, os irmãos e os sobrinhos.

Dona Emília, sentada na sala de seu apartamento ao lado de Oscar, vai contando como conheceu a família do seu segundo marido, de vez em quando interrompida pelos dois filhos, que estão brincando por perto.

– E como a família do Oscar recebeu a senhora, dona Emília?

– Bom, eles sabiam que eu era desquitada. Sabiam também dos meus dois filhos. Isto me preocupava. Mas só de chegar lá eu perdi a timidez. Fui muito bem recebida. Encontrei logo uns conhecidos, tudo foi muito bem. E o Oscar tem nove irmãos, sabe? Eu me dei bem com todos eles.

Mario e Maria das Graças entram na sala, um pouco espalhafatosa-

mente, rindo alto, fazendo piadas sobre futebol com o pai adotivo.

– Filho, deixa a mamãe conversar.

– Nós queremos conversar também, mãe.

O menino e a menina saem rindo como entraram. Não querem saber de conversa de gente grande. Estavam só brincando.

– E como a senhora o conheceu, dona Emília?

O próprio Oscar se encarrega de responder:

– Ah, ela é minha velha conhecida. Nós formávamos par fixo, nos bailes de antigamente, quando éramos adolescentes. Depois ela casou a primeira vez, e eu fiquei muito tempo sem vê-la.

E entra dona Emília:

– Bom, eu já estava separada do meu primeiro marido fazia uns três anos, e encontrei o Oscar na rua, quando estava saindo do emprego. Foi como vai daqui, como vai dali, e tem uma festa na casa do fulano, que tal a gente dançar de novo como dançava antes, e coisas assim. Para virar namoro foi fácil. Bastou nos encontrarmos naquela festa.

Emília tem 34 anos e está desquitada desde 1960. Mas a separação foi em 1958. O primeiro marido não trabalhava. Quando conseguia dinheiro, gasta-

HOJE, PELO MENOS DIZ O DONO DA FIRMA, **A ESCOLHA NÃO PODERIA TER SIDO MELHOR.**

va com outra mulher. Nessa época, eles moravam numa cidade do interior. Quando se separou, foi com os dois filhos para Santos, cidade em que moravam seus pais. E começaram nessa época suas maiores dificuldades.

– É muito ruim ser desquitada, dona Emília?

– É a pior coisa do mundo. Para começar: os meus parentes menos próximos começaram a me evitar. Pelo menos até eu me unir com o Oscar. E para arrumar emprego, então? Nem fale. Eu não tinha dinheiro e precisava trabalhar. Saí por todas as firmas que anunciavam vagas, mas ninguém me queria.

– A água está fervendo, Emília.

Dona Emília levanta-se e vai para a cozinha coar o café. Oscar vai explicando outras coisas. Nem todos aceitam o casamento deles, não “legalizado”. Mas o importante – diz ele – é que as pessoas de quem eles gostam, os filhos, as famílias dos dois aceitam, compreendem e apoiam.

Volta dona Emília, com o café.

– Por que não queriam a senhora como empregada, dona Emília?

– Olha, nunca ninguém me disse nada, mas nós sabemos o que acontecia. Eu fazia os testes, ia bem. Os chefes já co-

meçavam até a me explicar o que era o serviço. Mas, quando liam minha ficha, esfriavam. E perguntavam: a senhora é casada e está procurando trabalho para ajudar em casa? Eu respondia que era separada do marido, em processo de desquite, e que trabalhava não para ajudar em casa, mas para manter a casa, os filhos. Mas sempre outra candidata ganhava o emprego. Isso aconteceu em três firmas. A quarta é onde trabalho hoje. Tenho sete anos de serviço e já sou diretora de vendas.

– E aí nessa firma aceitaram a senhora imediatamente?

– Bom, aceitaram. Mas só agora, que tenho um cargo de confiança, eu sei o que aconteceu. O dono da firma tinha trazido o chefe de pessoal da matriz, para examinar e escolher os candidatos. O homem hoje é meu amigo, leu os testes, não leu as fichas. Eu fui a única escolhida. Então houve um **caso** interno: o dono da firma e o departamento do pessoal aqui da sucursal não me queriam, por causa do meu estado civil. Mas o patrão não poderia diminuir a autoridade do ho-

mem de confiança vindo de fora. E fiquei eu, contra a vontade de muita gente. Hoje, pelo menos diz o dono da firma, a escolha não poderia ter sido melhor.

– E como a senhora teve tanto êxito no emprego?

Dona Emília ri gostoso, fazendo ar de quem não sabe e de quem está perguntando deve saber a resposta melhor do que ela. Mas fala:

– Bem, uma mulher que trabalha, principalmente entre homens, é sempre vista com olhos diferentes. E, se o trabalho é de vendas, a situação então é pior, pois os clientes estão sempre com outros interesses, além da compra. Olha, para usar uma expressão de gíria, a mulher que trabalha no mesmo setor que eu trabalho, onde as mentalidades não são muito evoluídas, não pode dar bola para ninguém. Nem um pouco. Outras que trabalharam comigo acabaram atrapalhando o serviço porque aceitavam convites para jantar ou almoçar, faziam outras coisas, e os chefes foram perdendo a confiança nelas.

– A senhora acha que a razão do seu sucesso é essa mesmo? Não terá sido porque a senhora é uma boa funcionária?

Dona Emília ri de novo:

– E, sem muita modéstia, acho que essa razão é a mais importante.

As crianças passam de novo sem ligar muito para os que estão na sala.

Dona Emília mexe-se um pouco na cadeira, como receando que as crianças atrapalhem a conversa.

– E o casamento, vai bem?

– Ah, vai muito bem – dizem os dois.

– Briga não tem?

– Ah, muitas. Mas eu brigo sozinha – diz dona Emília. – O Oscar não abre a boca. Ele sabe quando estou nervosa. E não liga quando eu começo a falar. O normal mesmo aqui em casa é o bom humor. Nós brincamos muito, um com o outro, com as crianças e as crianças com a gente. Quando eu venho do serviço para casa, já venho rindo das piadas que o Oscar e as crianças vivem fazendo. E também entro na brincadeira.

O HOMEM HOJE É MEU AMIGO, LEU OS TESTES, NÃO LEU AS FICHAS.

– E as crianças?

– Para as crianças, o meu segundo casamento foi uma beleza. Eles ganharam um pai que nunca tiveram. O Oscar leva os dois à praia, ao clube e lugares onde eu não posso ou não

A MULHER EM REALIDADE

gosto de ir. Eu pensei que não deixassem, por causa da nossa situação não regularizada. Mas os diretores, nossos amigos, passaram por cima disso. E as crianças precisam muito de um clube.

– Elas gostam muito do **seu** Oscar?

– Demais. É como eu disse, o pai que eles não tiveram. No começo,

eles chamavam o Oscar de tio, sabe? É porque o Oscar tem muitos sobrinhos, e os dois brincavam com ele. Mas, com seis meses de casamento, Oscar não estava em casa, eles me chamaram e perguntaram:

– Mamãe, nós podemos chamar o tio de pai?

▷

OS PERSONAGENS EM REALIDADE

EU SOU JOÃO, HOMEM SEM LEITURA

REALIDADE nº 54 – Setembro de 1970

JOSÉ HAMILTON RIBEIRO



MEU NOME É JOÃO DE SOUZA, mas falam João Baiano. Nasci em 6 de agosto de 2, mas não tenho certeza. Nem eu nem a mulé não temos registro. Meu pai era tropeiro em Itabuna. Não cheguê a trabalhar com ele porque quando morreu eu era ainda novinho. Era eu mais um irmão, mas esse tá com uns treis anos que ele morreu.

Trabalhar eu comecei deusde novo, deusde pequeno. Filho de pobre começa a trabalhar deusde quando começa a andar. Vai se criando ali no atraso, não é? Por que eu não tenho leitura? Lá onde nasci é lugar

atrasado, cidadinha pequena que nem escola tinha. Esse povo que mora nas roça não tem estudo, que nem eu, eu e a mulé, criado na roça; os criadô não interessava porque era igual a nós também, sem estudo.

Conheci a *véia* lá mesmo, fomo criado perto. Eu tinha 25 anos quando casei, a mulé era novinha, dez anos mais moça, mas já era viúva, o marido morreu com dois meses de casado.

Em Itabuna eu trabalhava no cacau, cacau é isso que faz tódi. O trabalho era derrubar o mato e plantar, com três anos colhe, mesma coisa do café. O serviço era duro, serviço de toca tudo eles é duro, melhor mesmo é quando está ensacado, que é hora de vendê e pegá o dinheiro.

Quando eu estava com 33 anos, deu-se que tinha imigração pra São Paulo, eu arresolvi a vim. Quem nasce, se cria e morre num lugar não conhece nada, a gente que tem um pouco mais de disposição precisa mudar para conhecer.

Tinha imigração, eu vim mais a mulé, num navio, um navio grande com mais de duzentas família. Desembarquei aqui na imigração, daqui fui para Marília e de lá, em 37, fui para Santo Anastácio.

OS FILHOS, O DESTINO

O SENHOR PENSA que eu alembro quando nasceu o primeiro filho? Alembro nada! Só a *véia* é que sabe os dia, ela guarda o registro deles tudo. Os menino nasceram em Santo Anastácio. Só um, o caçulo, nasceu no Paraná. Hoje, os menino tá criado, tenho dez, sendo oito home e duas mulé, todas duas casada. Cinco rapaiz é solteiro, quatro veve comigo, um não sei para onde anda, tá pelos lados do Paraguai, não sei se é vivo ou se é morto. Tudo eles foi na escola, tem leitura.

Carlos é o que tá alongado, lá nos Paraguai. Foi atrás de um fazendeiro que andava abrindo terra e nunca mais deu notícia. A Missia tá casada, toca roça lá na Bahia. A Horádia, também casada, vive em Santo André, o marido trabalha em fábrica. O Joel trabalha na Nitro (Nitro Química), é operário lá, não sei o serviço dele. Esse

é o que roubou a mulé para casá, depois abandonou. A menina deles, que eu crio, é aquela que o senhor viu lá em casa, a do cabelo mais liso. O Nobelino, outro filho, sempre trabalhou de operário, agora trabalha comigo, junto, fazendo poço. Tem o Luis, que é pedreiro. Tem o Isaltino, que um dia trabalha de pedreiro, outro dia tá vadiando. Gosta de fumar, comer, dormir, mas de trabalhar gosta pouco. É o único de ideia errada, apanhou de pequeno para ver se endireitava, mas não hove jeito. Tem o Silvestre, casado, trabalha também de operário. O Fiorino é pedreiro também, trabalha em obra de grupo. O último é o Florêncio, pedreiro também.

UNS REMÉDIOS, OS ESPÍRITOS

QUANDO UM POBRE está com o filho doente e não tem dinheiro para remédio, vai caçar raiz no mato e faz o

No meio da década de 60, por alguma razão, a taxa de analfabetismo no entre adultos no Brasil causou constrangimento e vergonha. Só na cidade de São Paulo, entre a população com mais de 14 anos, havia 500 mil analfabetos. O Governo Federal iniciou então uma campanha de alfabetização em todo o país, envolvendo educadores, artistas, entidades civis. Nesse clima fui conhecer um “meia-cuié” que vivia em São Paulo.



OS PERSONAGENS EM REALIDADE

chá. Com a fé que ele tem em Deus, o remédio cura mesmo. Hoje, ninguém mais quer buscar remédio no mato, uma dorzinha de cabeça, já corre no

**"EU SOU TUDO NA VIDA.
CRENTE, CATÓLICO, ESPIRITISTA.
EU VOU EM TODAS RELIGIÃO."**

médico. No norte, ainda é assim até hoje: o homem corre no médico, mas o médico manda eles oiá o mato, tirar as raiz, as foia, as semente. Remédio pros pulmão fraco é mandioca, essa que a gente come conzinhada. Para anemia, tem a mandioca, tem a caroba, tem a salsa, tem a bucha. A bucha é pra inflamação nos baço, faz o xarope. Pra lombriga, é óleo, óleo de rici. Criança nova passa no imbigo, óleo doce. Óleo de condução não serve. Com fé em Deus, esses remédio vale mais que médico, Deus é que governa o mundo, sem Deus não tem nada.

Nesse campo de religião, eu sou tudo na vida. Crente, católico, espiritista. Eu vou em todas religião, não desfaço de nenhuma por causa que todas religião pertence a Deus, então eu consigo andar em todas igreja. Não desfaço de nenhuma, porque desfazer de uma é o mesmo que desfazer de Deus. Em candomblé eu não vou, não

abuso, mas não vou. Mas não acho que candomblé é religião, porque isso de macumba é pra fazer mal pro outros.

Depois que a gente morre, não sei o que acontece. Morreu, vai pro cemitério. O espírito eu acredito, existe muitos espíritos bom e muitos espíritos ruim, mas aquele espírito ruim é porque

em carne ele era ruim, marfazejo, não respeitava pai e mãe e fazia coisa errada, condenou a alma. Pra ter a alma sossegada, precisa ter a ideia pensada num bom caminho. Se pensa só ruindade, e faz, tá condenando a alma.

Bomba atômica? Já vi falar, mas nunca vi ela, nem quero ver. O home na Lua eu não acredito. Nem sei o que eles tão procurando lá.

Quem procura o que não guarda quando acha não conhece.

As veis, eles pensam que vão procurar uma coisa boa lá, e eles acham é coisa ruim pro lado deles, um castigo, porque às veis eles não têm esse poder, essa competência de mexer nessas coisas.

O que tem de fazer para o casamento dá certo? Ah, ah, ah, o senhor acha que eu sei? Acho que só tem um jeito: o home se conformá com a mulé que tem, a mulé se conformá com o marido que arranjou.

O JEITO DE ACHAR ÁGUA

FAZ SETE ANOS que vevo em São Paulo, meu serviço é fazer poço e fossa, também trabalho levantando casa, não sou oficial (pedreiro), sou meia-cuié. Sempre tem serviço para quem procura, nunca fiquei parado. Só quando machuquei o pé, conforme adiante vou contar pro senhor. O mais que eu faço é poço, faço de 3 metros, de 5, de 20, já fiz um até de 35. A gente sabe a fundura que está a água pelo jeito da terra. Tem também o jeito da vara, o do arame. A gente pega um arame duro e faz um arco, põe ele na mão com o arco virado para cima e anda com ele na terra. No lugar que tem a água, o arco balouça e vira pra baixo – ali tem água mais perto.

Ou então tem o jeito do prato. Pega uns pratos de esmalte, enxuga eles bem enxuto, emborca eles esparramado no terreno. Quando é de manhã, o que amanhicê molhado pode cavá que a água tá perto. Isso é bom no lugar que a terra é dura, é firme, que tem mina d'água, a água é penetrada só na terra, não dá prova no prato. O prato mais molhado é no lugar onde passa aquele cano d'água, a veia.

Como é que faz um poço? É cavu-cando. Mede a largura e vai cavu-cando, com enxadão e pá. Tem um ajudante para puxar a terra para fora. Já abri um poço de 35 metros em Curuçá, pra cá do Itaim. Um poço desse dura duas semana, três. A gente desce na corda, e o ajudante puxa para subir. Quando dá água, a gente põe os tubos e numa hora dessas foi que eu acidentei. O senhor sabe esses tubos de poço? É igual esses tubos de rua, não é? É grande, tem 1 metro de altura com 1 metro assim de grossura. Caiu dois em cima do meu pé, que moeu. Deu um corte feio, me tiraram lá de dentro, fui no pronto-socorro, lá o médico lavou, costurou e mandou embora, eu não tenho seguro. Fiquei cinco meis sem trabalhar, sem ganhar nada, sem nenhum refrigerio. O senhor pergunta o que vai ser quando eu não poder mais trabalhar. A gente passa, o pobre passa de qualquer jeito, eu não passei cinco meses sem trabalhar por causa do pé? No meu serviço, eu chego ganhar 10, 12 contos por dia, mas eu não sei se isso é ou não salário mínimo. Quem sabe disso de salário mínimo é os menino, eu não ligo. Penso que quem fixa o salário mínimo é os patrão.

POLÍCIA, JAGUNÇO, PRISÃO

O PEDAÇO MAIS DURO da minha vida eu vou contá agora pro senhor. Isso a gente não esquece, não. Na Bahia, o serviço era duro, mas eu trabalhava à minha vontade e nunca fui perseguido de polícia, perseguido de jagunço, perseguido de delegado, chamado de ladrão. No entanto, cheguei aqui em Santo Anastácio e passei por tudo isso. Não que eu brigasse, porque eu até que não sou de briga, mas por causo de terra.

Eu cheguei em Maurília em 36. Em 37, um grande fazendeiro de lá – um home que tocava demanda até com os Matarazzo – estava fazendo corretagem de umas terra lá em Santo Anastácio, arreitirado 40 quilômetro, vendendo as terra com a maior facilidade para abrir uma fazenda de 175.000 alqueires. Então eu, chegado de novo, precisava plantar, ele lotou um caminhão, levou muitas família pra lá, onde eu fui no meio. Quando cheguelo lá, eles levaram nós numa posse, umas casa *véia* abandonada, que naquele tempo as seca e as dificuldade levou as pessoas que tava lá antes a abandonar a terra. Não tinha condução, caminhão em Santo Anastácio só tinha

um, a produção apodrecia, não tinha jeito de transportar. Nós fomo, eu e mais uma família de japoneis e brasileiro. O trato era que a gente abria as terra, derrubava as mata, trabalhava um ano de graça e depois pagava a terra com a colheita do algodão. Plantemo o algodão, quando fomos entregar o algodão, eles não receberam e não forneceram mais. Fui falar com o administrador e ele disse que tinha conversa, era para eu ir embora, sair da terra. Os japoneis se arrancaram, eu e outros brasileiro arresolvemo ficar. Eles não tinha cumprido o trato e nós tinha trabalhado por um ano, empregado na roça tudo que nós tinha.

Nesse tempo, chegou por lá um engenheiro do Estado e foi dizer que as terra estava em demanda com o Estado, mas quem estivesse morando nelas podia ficar, não precisava sair. Se depois da demanda as terras fosse do fazendeiro, a gente tinha direito nelas, e, se fosse do Estado, a gente ia ter mais facilidade ainda. A vida era dura, mas fui ficando. Uma carroça levava três dias para ir a Santo Anastácio, ia levando as planta e trazia sal, açúcar, sacaria. Era três dias para ir, três para voltar. Aí entrou outro administrador na fazenda, um tal Adilon, e ele come-

çou a atropelar os moradores. Começou atropelando com a polícia, depois juntou mais de cinquenta jagunços e advogado, bastante advogado – só dentro de Santo Anastácio tinha cinco advogado. A polícia ia, tomava espingarda, facão, foice, faca de cozinha, só deixava enxada. Eu gostava de caçar, lá era um lugar de muita caça, tinha sempre uma espingarda, eles levava. A polícia ia com coisa de desarmar, mas também levava porco, levava galinha, levava ovo. Fui preso muitas vezes e abriram processo de ladrão, ladrão de

terra, aí eu ficava livre, sem processo nem nada. Ele chamou o promotor e um advogado e os três ficaram muitas horas falando comigo para eu assinar um contrato que eu ficava na fazenda como agregado. Foi a única vez na minha vida que adiantou alguma coisa eu não ter leitura. Disse que não podia assinar porque eu não sabia, então deixaro para o dia seguinte, quando ia fazer ficha e assinar com o dedão. Mandaro que eu dormisse na rua e voltasse logo cedo, mas assim que me vi livre bati para casa e amanheci o dia

“DISSE QUE NÃO PODIA ASSINAR PORQUE EU NÃO SABIA, ENTÃO DEIXARO PARA O DIA SEGUINTE.”

terra. O delegado mandava prender, me deixava no xadrez duas horas, três horas, às vezes dormia e soltava. Eles ia buscar no caminhão da Prefeitura e depois me soltava na rua e eu tinha de voltar a pé, sem comida, 40 quilômetro até minha casa. Com isso fui perdendo medo da polícia, fiz do medo coragem e fui tocando, trabalhando, plantando milho, algodão e mandioca.

Um dia a polícia veio em casa e me prendeu porque eu tava com um facão na cinta. Levaram também a espingarda. Pedi ao delegado a espingarda e ele disse que só me dava se eu saísse da

lá. E mandei dizer que nem com o dedão eu não ia assinar nada. Eu já estava acostumado com eles, com delegado, advogado e tudo. Foi aí que o Adilon veio aqui em São Paulo e me denunciou de comunista. Um dia aparecero lá em casa oito capturas para me levar, fizeram a maior bravura, me pegaro, dissero que ia me jogar na lagoa d'água e andaro me dando uns tapa. Depois de oito dias, eu fui solto. Cuma é que o Adilon ia provar o que ele disse? Logo depois aconteceu uma coisa boa: o administrador saiu, veio um filho do fazendeiro *vêio* e esse

OS PERSONAGENS EM REALIDADE

moço, muito educado, me chamou e disse para eu ficar na terra, criar os filhos e um dia a gente acertava tudo. Aí acabou a encrenca, pude fazer sossegado a minha roça e até, nesse tempo, fiz uma coisa que eu gostei: caçar bicho vivo na mata, para o governo. Uns tempos depois me deram 30 contos e eu deixei a terra, fui para o Paraná tocar café na terra dos outro.

“DEPOIS QUE INVENTOU O ESQUADRÃO DA MORTE AUMENTOU MAIS LADRÃO; CADA UM QUE MATA, CRIA DEZ.”

Fiz uma casinha pra mim, fiquei no Paraná uns tempo, formei o café, a geada veio, matou tudo, aí os filho, que já tava quase tudo em São Paulo, garraram me chamar, eu vim. Vendi a casinha de lá, compremo aqui um terreno à prestação, fizemos uma casinha de treis cômodo e pronto, estou aqui até hoje.

ESQUADRÃO, GUERRAS, PREFEITO

COMO É QUE EU FICO sabendo das coisa? Conversando. No mato, eu não tinha rádio, agora tenho até dois. Televisão não tenho porque eu não posso. No rádio, eu escuto tudo que o

rádio fala, programa, notícia. Voz do Brasil, Silvio Santos, Repórter Lesso. Voz do Brasil não escuto todo dia, mas entendo tudo, só não entendo mesmo é a língua estrangeira. O que agora eles andam falando mais é Esquadrão da Morte, tem gente que acha que é bom matar os ladrão, eu não acho que é bom. Depois que inventou o Esquadrão da Morte au-

mentou mais ladrão; cada um que mata, cria dez. A polícia pode prender sem precisar matar, devia

ter outra execução que não matar. Deixa ele na cadeia, ele se arrepende e às vezes ele não faz mais e não perde a vida.

Guerra do Vietnã? Essa eu não sei, é uma guerra *véia*, não é? Vejo falar em muitas guerra, mas não sei qual é. As guerra sempre é começada por causa da terra; se não houvesse imbição da terra, acho que não existia guerra, porque um quer tomar a terra do outro. Ninguém grita, ninguém faz a guerra por causa de um melhoraumento, custo de vida, ou de outra coisa mais interessante, guerra é só mesmo por causa da terra porque um qué, o outro qué, ou não qué dá, o outro qué tomá, aí vem a briga.

“TEM PREJUÍZO COM O SOL, COM SECA, E TEM PREJUÍZO COM OS EXPLORADOR.”

O nome do presidente? Não sei o nome direito, sei que é Emílio. Governador de São Paulo, não tou sabendo; prefeito de São Paulo ainda não vi, não sei o nome. Averiador eu sei que é, são os home que vai em tudos lugá da cidade, vê as coisa que o prefeito anda fazendo errado pra depois critica. Quando um averiador briga com o prefeito, o averiador é que tá certo; o prefeito não vai lá vê o que está faltando, só o averiador que vai.

ROÇA, NÃO: BAIANO É BURRO?

ROÇA É BOM, mas no mesmo tempo é ruim. A roça é mais perseguida. Aqui na cidade, o home trabalha e no fim do mês vê o seu dinheirinho, ou pouco ou muito. A gente entra numa bruta mata, derruba o pau, queima, quando não queima precisa descoivarar com todo sacrifício, vai-se acabando até deixar aquela terra pronta, e planta. No sair dos mantimentos vem a seca, mata. Quando dá bom que a chuva nem sol estraga, colhe, põe no saco, vai vender: o tubarão só paga o preço que ele quer. A gente, pra não

vortá com o cereal pra casa, é obrigado a entregar. Tem prejuízo com o sol, com seca, e tem prejuízo com os explorador. Na cidade, não. No caso de não trabalhar, até pedindo nas casa se arranja uma muda de roupa, um pão seco. A lavoura é perseguida, quando o senhor tem muito porco vem a doença, mata, fica o mangueirão limpo, dá tristeza. É difícil dar certo, quando não é doença, é o sol, quando não é seca, chove demais, no fim de tudo está o explorador esperando.

Baiano burro nasce morto? Antão cuma é que eu tou vivo? Ah, ah, ah. Ah... eu acho que baiano é muito inteligente, mas aqui em São Paulo o povo são mais adiantado por causa que tem estudo. Lá no norte não tinha escola, não teve jeito. Eu sei que para quem tem leitura a vida é mais fácil, o caminho fica mais claro. Eu ainda acho que tenho tempo, é só acabar meu curso de pedreiro para entrar numa escola de leitura.

(Seu João Baiano está com 68 anos, tem reumatismo. Levanta às cinco da manhã e trabalha pesado

OS PERSONAGENS EM REALIDADE

até de tarde. E ainda frequenta um curso de pedreiro na Secretaria do Bem-Estar Social, à noite, três vezes por semana. De casa à escola leva uma hora e meia, contando um trecho de trem e um percurso a pé de 5 km. Seu objetivo no curso é passar de “meia-cuié” (ajudante) a oficial (pedreiro). Quando terminar esse curso, é que vai inscrever-

-se numa turma de alfabetização noturna, é isso?!)

– O senhor entendeu, é isso mesmo. Vou entrar num curso de leitura. Da vida, agora, só espero a morte, mas, pelo menos enquanto estiver vivo, quem sabe eu não vou ter mais **pobrema** na hora de saber que ônibus pegar.

▷